

Garantir a Vitória Dos Candidatos Populares

JA estão sendo apresentados à nação os candidatos populares ao pleito eleitoral de outubro próximo. Indicando ao eleitorado os homens e mulheres merecedores da confiança popular as forças democráticas, com os comunistas à frente, dão mais um importante passo no sentido da realização de uma campanha eleitoral que, pela extraordinária convergadura, se destina a constituir um marco nas lutas do povo pela libertação nacional.

Que distingue esses candidatos e faz com que eles sejam realmente credores da confiança das massas? Antes de tudo, eles se distinguem pelo fato de serem homens e mulheres inteiramente identificados com os problemas de nosso povo, conhecendo os interesses e as aspirações das grandes massas trabalhadoras, assim como de todos os setores democráticos e progressistas da nação. Os candidatos indicados ou apoiados pelos comunistas são trabalhadores cuja atividade nas fábricas, nos sindicatos, nas usinas, nas fazendas ou nos escritórios se caracteriza pela fidelidade na defesa dos interesses de seus companheiros e a firmeza na luta pelas reivindicações levantadas. São também patriotas e democratas cujo combate intransigente pela soberania nacional, pela paz, pelas liberdades democráticas e os direitos e anseios das grandes massas credencia-os perfeitamente aos sufrágios do povo brasileiro.

Além de mais, os candidatos populares apresentam-se ao eleitorado com uma ampla plataforma, na base da qual estão os problemas mais agudos e urgentes de nosso povo. Essa plataforma tem como pontos essenciais a defesa da paz e da democracia e a luta efetiva pela emancipação nacional e contra a miséria e a fome que atormentam cada dia mais a vida do povo brasileiro.

Os candidatos populares serão sufragados pelas grandes massas porque, enfim, são os homens e as mulheres recomendados pelo Partido Comunista, o glorioso partido de Prestes, ao qual vê o povo brasileiro a única esperança de um futuro risonho e feliz. Nisto reside a mais séria garantia de que, uma vez eleitos, eles saberão utilizar as tribunas que lhes foram confiadas pelas massas como trincheiras na luta para libertar o povo e a nação do jugo dos monopólios norte-americanos e dos traidores que se colocam a seu serviço.

Para o povo brasileiro tem, portanto, uma excepcional significação eleger o maior número possível dos candidatos honestos, merecedores de sua confiança, e impedir a eleição dos agentes americanos e dos políticos reacionários. Isso contribuirá valiosamente para o avanço da luta libertadora em nosso país.

Para que se possa alcançar tal objetivo é necessário pôr em tensão todas as forças que estejam a nosso alcance, realizando uma campanha eleitoral que, pela sua convergadura e pela ressonância que encontre entre milhões de brasileiros, seja maior ainda do que as campanhas anteriores de que participaram os comunistas, inclusive no período da legalidade do Partido. Todas as condições existentes no país contribuem para que se possa realizar uma campanha eleitoral verdadeiramente ampla e vitoriosa. Como mostra Prestes, o povo aprendeu muito nesses três últimos anos e já viu o que valem as promessas do governo. Os operários e os camponeses, as donas-de-casa, os intelectuais, os pequenos comerciantes e industriais, o funcionalismo público, os militares, a burguesia nacional — todos estão sentindo os resultados funestos da política de Vargas, de entrega do Brasil aos monopólios ianques. Por isso mesmo, em todos os setores da população crescem as lutas de massa e se sucedem os protestos contra o governo. As eleições de outubro representam para o povo brasileiro uma oportunidade que ele não perderá para manifestar a sua indignação e o seu repúdio à política de fome e de traição nacional realizada por Vargas.

Cabe, portanto, insistir na urgente necessidade de se acelerar o ritmo no cumprimento das tarefas indicadas por Prestes para assegurar a vitória da vontade popular nas urnas, em outubro próximo. É necessário que se dê a conhecer ao eleitorado, onde isso ainda não foi feito, quais os candidatos dignos de sua confiança. É indispensável que se instalem, continuamente, novos e novos postos eleitorais, que se intensifique ao máximo o alistamento de eleitores, que se realize a mais vasta propagação das candidaturas populares e a mais intensa difusão de seus programas. Simultaneamente, é preciso compreender que nenhuma outra oportunidade poderia ser melhor do que a campanha eleitoral para levar a todos os brasileiros o Programa do P.C.B., assim como para lutar pela legalidade do Partido Comunista.

Depende fundamentalmente da atividade, da perseverança e da audácia com que atuam os comunistas, à frente das amplas forças democráticas, a vitória do povo nas eleições de outubro.

VOZ OPERÁRIA

N. 257 ☆ RIO DE JANEIRO, 17 DE ABRIL DE 1954



REPORTAGEM SOBRE A AMEAÇA DA BOMBA-H NA PÁGINA CENTRAL

Leia Nesta Edição

MAURICIO GRABOIS — Uma honra e um compromisso para os comunistas (3.ª página)

O BANCO AGRÍCOLA NA UNIÃO SOVIÉTICA — Reportagem na página central

O GOVERNO DE VARGAS, ESSE FABRICANTE DE CARESTIA — Reportagem na página 12

ELES NOS CONTAM A HISTÓRIA DA VIDA DIÁRIA NO TRABALHO — Reportagem na página 9



A Bancarrota Política Do Regime de Franco

A 14 DE ABRIL comemora-se o 23.º aniversário da proclamação da República Espanhola. Nesse dia veio por terra a monarquia secular dos Bourbons que escravizava a Espanha em nome dos imperialistas estrangeiros e dos grandes capitalistas e latifundiários da península.

A República Espanhola foi uma renovação democrática, uma obra do povo. Em poucos anos, apesar da pressão estrangeira e das conspirações internas, verificou-se imenso progresso no país. Nos poucos anos de sua existência, a República identificou-se com todos os patriotas espanhóis, que a defenderam com amor e coragem, numa guerra revolucionária, quando as bordas de mouros, italianos e alemães fascistas assaltaram-na em apoio de Franco.

A República Espanhola caiu pela agressão nazista e a cumplicidade anglo-franco-americana. Um papel de destaque na traição cometida à Espanha coube aos socialistas de direita espanhóis e a seus comparsas franceses, tendo à frente Leon Blum, que impediram apoio direto do proletariado francês a seus irmãos espanhóis, fechando a fronteira e cruzando os braços diante da agressão nazista.

O atual aniversário da República Espanhola transcorre quando Franco, após um longo caminho de trações coroa sua obra de judas assinando o pacto americano-falangista de 26 de setembro de 1953.

O cartasco espanhol é,

agora, um mero joguete dos imperialistas americanos, como foi no passado um instrumento servil dos ditadores do Eixo.

Mas o povo espanhol luta. As grandes greves de 1947, no país basco, e as poderosas manifestações do proletariado e das classes médias da Catalunha, seguidas de uma onda de movimentos de massa em quase todo o país, mostram a incapacidade de o franquismo conseguir governar pelos métodos de terror usados até hoje. Essas lutas abriram novas perspectivas para a batalha geral contra a ditadura franquista.

Dai que Franco se atire aos braços dos imperialistas ianques na vã esperança de poder salvar-se firmando-se em tão fragil esteio. Mas é evidente que a ajuda americana não salvará Franco. E, ao mesmo tempo, aprofundará ainda mais a catástrofe política do país, onde já digladiam as próprias classes dominantes.

O regime da falange está cada vez mais desmoronado e em crise e só consegue manter-se devido ao apoio estrangeiro e a divisão das forças da oposição pois muitas delas, temerosas do povo, adotam uma posição de

«expectativa» que, em última instância, favorece a ditadura sangüinária que se instalou em Madri.

O Partido Comunista da Espanha que foi o artífice da unidade que levou à vitória os ideais republicanos e deu à Espanha o único regime democrático que ela conheceu em toda a sua história, forja na própria luta a unidade inquebrantável de todo o povo espanhol, sob cujos golpes cairá inevitavelmente o regime franquista apesar do apoio estrangeiro e do terror inquisitorial que ensanguenta o país.

O Que é a «Recuperação» Da Alemanha Ocidental

TORNAM-SE cada vez mais frequentes nos jornais burgueses as notícias sobre a «rápida recuperação» da Alemanha Ocidental sob o regime de ocupação anglo-americano.

Esse «milagre alemão», como gostam de chamar à «recuperação» os porta-vozes da propaganda imperialista, nada tem na realidade de milagre, nem de recuperação. Walter Ulbricht, primeiro secretário do Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, pôs a nu mais uma vez o que se passa na Alemanha militarista de Bonn, durante o recente IV Congresso do P.S.U.A.

Os Estados Unidos concederam à Alemanha Ocidental uma certa ajuda a fim de criarem bases militares, fornecendo-lhe também algum auxílio econômico, com a finalidade de fazer com que o povo alemão aceitasse passivamente a vassalização de sua pátria e a aplicação dos tratados da «Comunidade Europeia de Defesa» e do «Tratado geral» de Bonn, que pretendem liquidar por um largo período a independência alemã. Devido à luta de massas que retardou a remilitarização do país, os monopolistas da Alemanha Ocidental utilizaram parte dos meios destinados ao armamento de um lado, para alcançarem imensos lucros suplementares por meio de grandes investimentos de capitais e da exploração crescente da classe operária e, de outro lado, para penetrarem no mercado capitalista mundial.

A exploração cada vez maior da classe operária é um fenômeno atestado pelas cifras. Basta dizer que o número de acidentes de trabalho passou de 879.000, em

1950, a 1.232.000, em 1953, ao passo que sobem também o número de pessoas atingidas por moléstias profissionais. A produção horária por operário cresce dia a dia. Em relação a 1936 ela subiu de 49,5%, na indústria química, e de 48,8% na indústria de petróleo e de mineração.

Enquanto isso sobem os lucros dos grandes monopólios: por exemplo, as usinas «Opel Werke», que são da General Motors, realizaram em três anos 130 milhões de marcos, de lucro, embora seu

lucro é que a situação da indústria na Alemanha Ocidental se caracteriza pelo fato de que a capacidade de produção nunca foi realizada plenamente. Na indústria metalúrgica, por exemplo, a capacidade utilizada é de menos de 70%. Na indústria têxtil e de confecção, que também trabalham abaixo da capacidade, existiam em outubro de 1953, 195.000 desempregados ou seja, 23 de empregados para cada 100 pessoas nela ocupada.

Os sinais de crise tornam-se cada vez mais evidentes. Apesar da tendência à baixa da produção, os estoques acumulam-se sem cessar. Diminuem as encomendas e, na indústria metalúrgica, não estão abrindo senão 38% da capacidade de produção.

Uma parte dos lucros crescentes dos capitalistas é arrebanhada pelo capital financeiro americano e britânico, pois 500 grandes sociedades anônimas da Alemanha Ocidental, estão sob controle dos monopólios americanos e 250 sob o controle dos monopólios britânicos.

A agravação da luta pelos mercados mundiais, consequência do amadurecimento da crise econômica nos Estados Unidos, não pode deixar de repercutir gravemente na Alemanha Ocidental gerando imensas dificuldades. A redução do poder de compra e o aumento do fardo armamentista contribuem para agravar ainda mais essas dificuldades.

Essa a verdadeira catadura do «milagre» apreçado pelos imperialistas americanos e alemães, tão semelhante, aliás, ao «milagre» hilerista que eles também louvaram em prosa e verso.



capital não ultrapasse 80 milhões de marcos.

Apesar de todo o alarde feito pela propaganda, a ver-



A Viagem Guerreira Do Incendiário Dulles

EM junho de 1950, Foster Dulles, então conselheiro do Departamento de Estado, fez uma excursão à Coreia. Agora, investido no alto posto de secretário de Estado norte-americano, Dulles empreende um passeio à Europa. A diferença de tempo e de roteiro entre as duas viagens não modifica o que elas têm de comum: nas duas ocasiões os imperialistas ianques procuravam conflagrar a Ásia, para incendiar o mundo.

Como se sabe, Dulles levava naquela ocasião a ordem de Truman para que Singman El desencadeasse a agressão à República Popular da Coreia, imediatamente seguida da intervenção norte-americana. Agora, como não pôde alcançar pela via coreana seus criminosos intentos de guerra geral, Dulles transporta na bagagem novos planos para a intensificação e ampliação da guerra da Indochina.

A missão de Dulles é missão de guerra. Tem por escopo torpedear a Conferência de Genebra e promover uma ação militar dos principais países imperialistas, e dos titeres coloniais que eles manejam, contra a República Popular do Vietnã e a República Popular Chinesa.

Na véspera de partir, o secretário de Estado americano acusou a China de estar intervindo na guerra do Vietnã. Eis uma afirmativa que vale tanto quanto o próprio Dulles. Mas a presença de «conselheiros» militares americanos, os empréstimos de milhões de dólares para o custeio da intervenção francesa, o envio de armas e munições ianques para os titeres de Bao Dai e os mercenários franceses, constituem fatos que o governo ianque é o primeiro a reconhecer.

O dirigente da política externa dos Estados Unidos vai apressadamente tentar imingir a seus colegas da França e da Grã-Bretanha a «nova teoria da «paz pela força» ou, se quiserem, da «ação conjunta», oferecendo-lhes cavalheirescamente «o guarda-chuva protetor dos Estados Unidos» e a «proteção do poder norte-americano», fórmulas da mais fina lavra do gangsterismo político.

Logo se vê, que essa missão de guerra é também viagem de negócios, pois os dois assuntos são inseparáveis quando se trata da política dos monopólios. Diante da ruína da agressão empregada contra os povos, os trustes se põem em pânico e forcejam por auferir novos e fabulosos lucros com uma nova conflagração.

Hoje, mais do que nunca os povos exigem o desanuviamento da tensão internacional e o entendimento entre as grandes potências, para que seja assegurada a paz. Esse desejo dos povos, que se manifesta em formas concretas mesmo na cidade do imperialismo, é que forçou o governo americano a aceitar, nos debates de Berlim, a realização da Conferência de Genebra que ora se aproxima, impedindo-os de recusar os insistentes apelos e propostas feitos pela U.R.S.S. nesse sentido.

E' na mesa de conferências e não nas ameaças desvaídas de um Dulles que a humanidade vislumbra as possibilidades de encerrar a luta na Indochina que só se mantém pela pressão dos norte-americanos sobre o governo traidor da França, renudiado abertamente pelas massas. Desde dezembro último, Ho-Chi Min, chefe dos patriotas indochineses, ofereceu a paz às tropas intervencionistas. A outra alternativa é o esmagamento definitivo dos invasores e dos que pretendem participar do saque que eles realizam.

Como no passado, Dulles ameaça de agredir abertamente a China, numa «ação conjunta» em grande escala, de vez que não foram suficientes para provocar a guerra os ataques criminosos desfechados com armas bacteriológicas contra o território chinês, nem a ocupação de Taiwan — território chinês — pelas forças armadas dos Estados Unidos. Os imperialistas procuram clinicamente intimidar a China, dizendo-lhe: «Armaremos os mercenários do Kuomintang, bombardaremos, como temos feito, vossa território, ajudaremos todos os vossos inimigos e havemos de atacar-vos quando nos sentirmos preparados para isso. Mas, se protestardes, se tomardes medidas acatadoras de vossa segurança, então é claro que nós a agressora e poremos em prática a doutrina da represália total».

Essas ameaças, que refletem o completo desconhecimento da nova correlação de forças no plano mundial, não intimidam aos chineses, nem ao campo da paz. Mas assustam sobretudo aos próprios «aliados» dos Estados Unidos que vêem o imperialismo americano repetir diariamente o conto do «bom amigo» que tirou de seu hospedeiro a casa, a roupa e a comida, para terminar lhe roubando a mulher.

E aí está um dos muitos motivos pelo qual a «viagem relâmpago» de Foster Dulles constituirá provavelmente mais um dos fracassos diplomáticos que são a grande colheita ianque nos assuntos internacionais.



«A repulsa do povo francês à «Comunidade Europeia de Defesa» e ao «Exército Europeu» manifesta-se em todas as ocasiões e sob todas as formas. Recentemente, ao comparecerem a uma cerimônia no Arco do Triunfo, Laniel, primeiro ministro francês, e Plevin, seu ministro da Defesa, foram vaiados e castigados pelo povo que exigia o fim imediato da guerra da Indochina e a renúncia à submissão aos planos de guerra norte-americanos. A foto fica populares manifestando sua repulsa a Plevin».

Uma Honra e um Compromisso dos Comunistas

MAURÍCIO GRABOIS

UMA grande honra foi conferida aos comunistas brasileiros com a publicação do projeto de Programa do P.C.B. no órgão do Birô de Informações dos Partidos Comunistas e Operários. É motivo de satisfação e orgulho ver estampado nas páginas de «Por uma paz duradoura, por uma democracia popular!», o documento programático do Partido dos comunistas brasileiros.

Este fato não é um acontecimento corriqueiro na vida do nosso Partido. Ele terá a mais profunda repercussão na atividade do P.C.B. e na luta de povo brasileiro por sua libertação nacional e social.

O Birô de Informações julgou ser útil ao movimento comunista internacional divulgar o projeto de Programa do P.C.B., levando-o ao conhecimento dos operários e das massas populares do mundo inteiro.

O periódico do Birô de Informações antes de difundir em suas colunas o Programa do nosso Partido publicou os Programas do P.C. da Índia, do P.C. da Inglaterra, do P.C. do Japão e do P.C. da Alemanha Ocidental. Estes Programas foram considerados pelo mesmo jornal como obra de marxismo criador. O Programa do P.C.B. é o quinto Programa do Partido dos países onde domina o capital publicado pelo jornal «Por uma paz duradoura, por uma democracia popular!» Isto nos dá a idéia da elevada significação internacional da divulgação do Programa do P.C.B. pelo órgão do Birô de Informações.

Os Partidos Comunistas e Operários de todo o mundo bem como as massas populares de todos os países têm sua atenção despertada para o Programa dos comunistas brasileiros. As tarefas e os objetivos da classe operária do Brasil são, hoje, do conhecimento dos comunistas e dos trabalhadores de todo o mundo. Podemos, assim, contar com a sua solidariedade fraternal na luta em que nos empenhamos contra os nossos inimigos mortais, o imperialismo ianque, os latifundiários e grandes capitalistas.

Com a publicação de nosso Programa no jornal do Birô de Informações reforça-se nossa convicção sobre a justeza do Programa do P.C.B., documento científico, fruto da acertada aplicação do marxismo-leninismo à realidade brasileira. Temos, pois, novo estímulo na luta para libertar o país do jugo escravizador do imperialismo norte-americano, do latifúndio e das sobrevivências feudais.

O fato de o órgão do Birô de Informações dar guarida em suas páginas ao Programa do P.C.B. não só confirma que este Programa é um documento baseado em princípios marxistas como é, também, uma demonstração de solidariedade da classe operária internacional para com o proletariado brasileiro. O Birô de informações, assim agindo, cumpre sua elevada missão de organizar o intercâmbio de experiências entre os Partidos Comunistas e Operários. É a ação do

internacionalismo proletário, bandeira que une os trabalhadores de todos os países.

O Birô de Informações é um poderoso elo que une os comunistas do mundo inteiro. Os vínculos de amizade fraternal entre os Partidos Comunistas e Operários fortalecem o movimento proletário internacional e ajudam decisivamente a luta de cada povo por sua emancipação nacional e social. É certo que o movimento comunista se desenvolve nos quadros nacionais, no âmbito de cada país. Mas os comunistas, como todos os trabalhadores dos diferentes países, têm interesses e tarefas comuns. Têm necessidade de voluntariamente coordenar sua atividade, estreitar cada vez mais os seus laços de solidariedade e de reforçar a ajuda mútua. Esta necessidade, além de ser uma exigência da luta em que se empenham os comunistas, vai ao encontro dos interesses dos povos de todos os países. No XIX Congresso do P.C.U.S., o grande Stálin afirmou:

«Esta peculiaridade do apoio recíproco explica-se por que os interesses do nosso Partido não contradizem, mas, ao contrário, se fundem com os interesses dos povos amantes da paz.»

Esta importante tarefa de impulsionar o apoio recíproco entre os Partidos Comunistas e Operários vem sendo galhardamente realizado pelo Birô de Informações. A publicação do Programa do P.C.B. no jornal «Por uma paz duradoura, por uma democracia popular!», é parte da nobre atividade do Birô de Informações de propiciar a consulta e a coordenação voluntária entre os movimentos comunistas e operários de cada país.

Esta contribuição valiosa para a nossa luta contra o opressor norte-americano assume particular relevo

diante do desespero que se apossou da imprensa imperialista dos Estados Unidos com a publicação do Programa do nosso Partido. Enquanto o periódico do Birô de Informações abriu as suas colunas para publicar na íntegra o Programa do P.C.B., o «New York Times» e outros órgãos dos monopólios ianques vociferavam as más sazes calúnias contra o grande documento programático dos comunistas brasileiros. Isto é perfeitamente explicável. O Programa do Partido da classe operária brasileira é a ata de acusação do imperialismo norte-americano, a denúncia viva da espoliação do povo brasileiro pelos magnatas de Wall Street. É o Programa que indica a todos os democratas e patriotas o caminho da libertação do Brasil do jugo imperialista norte-americano, da derrubada do regime de latifundiários e grandes capitalistas, da derrota do governo de traição nacional de Vargas. É um exemplo e um estímulo para os demais povos da América Latina. É a Carta Magna da libertação nacional.

Pelas manifestações da imprensa mundial, fica claro quem são os verdadeiros amigos do povo brasileiro. As soluções apresentadas pelo Programa do P.C.B. são as únicas que podem resolver os grandes problemas nacionais. Não há quem as possa refutar com fatos. Por isso, enquanto os jornais do imperialismo ianque — nosso inimigo principal — atacam o Programa do P.C.B., a imprensa dos países do campo da paz, como a «Pravda» e o «Jemingspao» e outros jornais saúdam e transcrevem o documento básico de nosso Partido.

Sentimos imenso orgulho por esta repercussão do Programa do Partido na imprensa mundial. Esta repercussão evidencia que trilhamos pelo caminho certo. Significa que assumimos novo compromisso — lutar mais e melhor pela vitória do Programa do P.C.B., intensificar os esforços para livrar o Brasil da dominação imperialista norte-americana, do latifúndio e das sobrevivências feudais. Indica-nos, também, como condição indispensável para a vitória, a necessidade de estreitarmos os laços de fraternal amizade com todos os Partidos Comunistas, e, em particular, com o glorioso e sábio Partido Comunista da União Soviética.

Une-se o Povo de São Paulo Para Intervir Nas Eleições

«TRABALHADOR NÃO VOTA EM TUBARÃO — TRABALHADOR VOTA EM TRABALHADOR», dizia o grande cartaz colocado diante da mesa que, domingo último, presidiu a Convenção dos trabalhadores de São Paulo para assegurar a participação do povo paulista no próximo pleito e escolher os candidatos populares que terão o apoio do movimento operário. Nessa reunião foi lançado um documento assinado por deputados federais e estaduais, vereadores e líderes sindicais de todas as correntes e partidos em prol da ação unida das forças populares nas eleições que se avizinhavam.

O povo manifestará sua vontade

O documento, subscrito por três deputados federais, 15 deputados estaduais, 12 vereadores, 17 dirigentes sindicais e diversas personalidades democráticas, exorta o povo a intervir ativamente na campanha eleitoral, cumprindo o seu dever cívico, para «transformar o pleito de 3 de outubro num marco de melhores dias para São Paulo e para o Brasil». Isso porque — salienta o manifesto — «o povo, que sente ao vivo a atual e dura realidade brasileira, que não concorda com a crise, com a carestia e com a alta desatinada do custo de vida, tem exatamente no voto uma forma de atingir a expressão de seu modo de pensar».



Freitas Nobre



Armando Mazzo

Levar ao parlamento homens fiéis ao povo

Na grande reunião, realizada no salão das Classes Laborais, falaram inúmeras

ses, que representam bons mercados para o Brasil. Falaram ainda, entre outros, Dante Pelacani, líder gráfico e Armando Mazzo, marceneiro e ex-prefeito, eleito de Santo André: «Nós — declarou Mazzo — que há muitos anos estamos empenhados na luta por um pouco mais de pão, temos satisfação de estarmos integrados neste movimento unitário. Os trabalhadores, que em memoráveis greves enfrentaram a polícia e as patas de cavalo, na luta contra os que se loupelam nababescamente, também devem lutar dentro do parlamento, elegendo seus legítimos representantes».



Ramiro Luchesi

Candidatos dos trabalhadores

Na capital de São Paulo, sob os aplausos dos representantes de quase todos os setores da população trabalhadora e de personalidades presentes à Convenção, foram lançados os nomes dos candidatos operários que integrarão a chapa popular. São homens que se têm distinguido na luta por melhores condições de vida para a população, contra a carestia e a opressão dos trustes ianques, pela liberdades democráticas e a independência nacional.

Muitos deles tiveram papel de destaque nas greves empreendidas nos últimos dois anos pelo proletariado paulista. Eis os nomes escolhidos, por indicação de seus próprios companheiros de trabalho:

DOS TEXTEIS: Para deputado federal: Antônio Chamorro; para deputado estadual: Nelson Rustici.

DOS METALÚRGICOS: Para deputado federal: José de Araújo Plácido; para deputado estadual: Bemo Forri.

DOS MARCENEIROS: Para deputado federal: Armando Mazzo; para deputado estadual: Célgio Valvassore.

DOS BANCÁRIOS: Para deputado federal: Ramiro Luchesi; para deputado estadual: Helói Thyrsó.

DOS GRÁFICOS: Para deputado estadual: José da Rocha Mendes.

DOS EMPREGADOS HOTELEIROS: Para deputado federal: Joaquim Gomes Guerra Filho.

DOS VIDREIROS: Para deputado estadual: José Chediak.

DOS JORNALISTAS: Para deputado estadual: José de Freitas Nobre.

Nelson Rustici

DOIS DEPOIMENTOS SOBRE A HUNGRIA

REALIZANDO, na Associação Comercial de São Paulo uma conferência, o sr. João Alberto renovou seus conhecidos pontos de vista favoráveis ao intercâmbio comercial entre o Brasil e os países democráticos do Leste europeu. O orador lembrou que mais de 80% de nossas exportações são realizadas para poucos países e que 54% do volume de nossos produtos exportados destinam-se exclusivamente aos Estados Unidos, fatos esses que, como se sabe, são inteiramente prejudiciais à nossa economia. Um dos pontos abordados pelo sr. João Alberto foi o referente aos desastrosos efeitos que terá sobre nosso país uma crise séria de nossos atuais compradores que poderiam ser facilmente evitados pela extensão das relações comerciais a outros Estados, de alto poder aquisitivo, como são a URSS, a Hungria, a Bulgária e demais nações democráticas.

Tendo vindo recentemente da Hungria, o antigo chefe do Departamento Econômico e Comercial do Itamarati atestou por conhecimento pessoal a situação de prosperidade em que se encontra aquele país, que pode fornecer ao Brasil maquinaria diversa, inclusive trens elétricos e material para indústria petrolífera, e que está interessado em diversos produtos nacionais.

As declarações do sr. João Alberto têm a confirmá-las, no próprio setor oficial, as palavras do sr. Edmundo de Macedo Soares que se referiu, entre outras coisas, ao interesse dos húngaros pelo minério de ferro brasileiro de que necessitam para a ampliação impetuosa de sua indústria siderúrgica.

A necessidade de restabelecimento do comércio com os países do campo democrático é, como se vê, reiteradamente reconhecida por homens representativos de todos os setores, inclusive pessoas estreitamente ligadas aos círculos governamentais. Por que não se deu, então, até agora a ampliação de mercados? Restaria sabê-lo se não fôsse público e notório que é a pressão americana, a que se submete prazerosamente Getúlio, o verdadeiro empecilho a um comércio mais amplo, que desafogasse nossa economia garroteada pelos monopólios ianques.

Não Adianta Plantar Capim... A Terra Pertence Aos Posseiros

NA ALTA NOROESTE, município de Guararapes, Estado de São Paulo, há uma imensa gleba de terra, de aproximadamente cinco mil alqueires, denominada "Linha 9 de Abril", de que se diz proprietário o conhecido grileiro e latifundiário Max Wirth. Se dependesse do latifundiário, aquelas terras seriam mais improdutivas ainda do que o são hoje. Se uma pequena parte dessa gleba produz alguma coisa, isto se deve ao sacrificado trabalho de centenas de camponeses que ali se instalaram. Muitos deles, que desbravaram o sertão e cultivaram a terra, construíram suas casas e outras benfeitorias, há mais de 10 anos, têm direito ao título de posse legal da pouca terra em que trabalham. São homens que enfrentaram a mata virgem, as feras e a temível "ferida brava", também chamada úlcera de Bauru, moléstia que fez muitas vítimas na região. Outros camponeses, vieram mais recentemente e tiveram que sujeitar-se ao odioso sistema de arrendamento imposto pelos latifundiários.

As benfeitorias construídas pelos posseiros despertaram há muito a desmedida cobiça do latifundiário Max Wirth que, por todos os meios, vem tentando desalojar os posseiros, valendo-se não só do terror espalhado por seus capangas, mas principalmente das violências da polícia por ele assalariada. Um dos métodos utilizados para expulsar os camponeses tem sido o de plantar capim em suas terras, utilizando para esse trabalho os capangas e camponeses pobres. Muitos destes, depois que ficam a par do triste papel a que foram levados, têm se passado para o lado das vítimas ou abandonado a odiosa empreitada de Max Wirth.

A «Marcha para o pasto»

Segundo as denúncias dos camponeses procedentes de vários pontos do Estado de São Paulo, publicados pelo jornal "Terra Livre", pode-se concluir que há uma tendência geral dos latifundiários no sentido de transformar em pastagens vastas áreas de terra, muitas delas de excelente qualidade para o plantio de cereais. É o que a imprensa dos latifundiários chama, com entusiasmo, de «marcha para o pasto». Dessa forma, procuram os latifundiários expulsar das terras os camponeses pobres, os posseiros e os assalariados agrícolas, substituindo a agricultura pela pecuária, que é um ramo de produção mais barato e do qual esperam obter grandes lucros. Assim, em Avaré, cinco mil alqueires de terra de primeira foram transformados em pastagem, dando-se o mesmo em Miguelópolis.

Aumento da penetração imperialista

Partindo do fato de que a indústria da carne e grandes criações de gado estão sob o controle direto dos frigoríficos, principalmente os norte-americanos, não será exagero concluir que essa tendência dos latifundiários reflete a influência crescente dos trustes em nosso país.

Comprova essa afirmativa o fato de que, recentemente, instalou-se no país, adquirindo grandes áreas de terra, o truste norte-americano "King Ranch Agropastoril do Brasil", que, só na Alta Sorocabana, adquiriu mais de 30 mil alqueires de terra de primeira qualidade, transformando-a em pasto. Mais clara fica ainda essa penetração imperialista com o fato de que essa empresa americana, subsidiária da maior empresa de criação de gado norte-americana, está confiada à administração da "Cia. Swift", a cujo grupo pertence.

Os efeitos dessa penetração imperialista já se vêm fazendo sentir numa progressiva redução da produção agrícola. Segundo a "Folha da Manhã", em 1953, "São Paulo teve uma das piores safras de cereais dos últimos dez anos".

Além do encarecimento dos gêneros alimentícios pela queda da produção, tal fato traz um agravamento sem precedentes na situação de miséria das massas camponesas, atraindo ao desemprego e expulsas violentamente para as cidades, uma vez que a produção pecuária exige muito menos mão-de-obra que a agricultura.

Os camponeses não poderiam aceitar sem luta semelhante situação. E a intensificação dessas lutas vem se refletindo na organização dos sindicatos e associações rurais, apesar da opressão do governo, que



emprega o terror para minar a unidade dos camponeses a serviço dos latifundiários.

Os camponeses aprendem a lutar e a organizar-se no processo da luta.

Na «Linha 9 de Abril», por exemplo, a luta se desencadeou com apoio da Associação dos Trabalhadores Agrícolas de Guararapes, contra o plantio de capim em suas terras pelos capangas do latifundiário Max Wirth. O latifundiário chegou ao ponto de requisitar toda a força policial de Guararapes, transformando a sede da fazenda em verdadeiro arsenal. Um sargento, um cabo e onze praças armados de fuzis e metralhadoras foram garantir o plantio do capim recebendo para isso uma diária de 60 cruzeiros cada um, além da manutenção, tudo pago pelo Capataz Alcécio. Ao mesmo tempo os camponeses tiveram seus lares invadidos, foram presos e sofreram espancamentos, e os policiais disparavam suas armas tentando estabelecer o pânico.

Pela sexta vez, só em janeiro, o capim havia sido plantado pelos jagunços e em seguida arrancado pelos camponeses. Finalmente, Max Wirth organizou um grupo de 80 homens protegidos pelo contingente policial e plantou capim nas terras dos camponeses. Mas estes, enfrentando todas as ameaças, organizaram-se em número de 300 e no dia seguinte arrancaram o capim de mais de 50 alqueires. Dessa tarefa participaram, inclusive, vários camponeses que, enganados pelo latifundiário e seus capatazes, haviam participado do plantio do capim.

De onde vem essa força que anima os camponeses da «Linha 9 de Abril» para a luta? O segredo de sua força reside na organização e na unidade de ação. Está, em grande parte, congregados em torno da Associação dos Trabalhadores Agrícolas de Guararapes que, frequentemente, realiza assembleias para debater os seus problemas, entre os quais o da luta contra o grileiro Max Wirth. Em março último realizaram uma grande assembleia para discutir sobre a união em defesa das terras de cultura de algodão e cereais e contra o plantio de capim, bem como para debater a questão dos preços compensadores para o algodão, os cereais e outras reivindicações.

Exemplo de tenacidade

Todas as forças da reação policial foram lançadas contra os camponeses da «Linha 9 de Abril». Muitos que foram apanhados distribuindo boletins de convocação da assembleia foram aprisionados e rudemente espancados na sede da fazenda, e em seguida, submetidos a torturas na Escola Pública primária transformada em cadeia pela polícia. O delegado Auro José Berça pediu reforços policiais em Araçatuba e, transformando a cidade em praça de guerra, invadiu e saqueou a sede da Associação dos Trabalhadores

Agrícolas prendendo e espancando bárbaramente seus diretores. As estradas foram policiadas e os camponeses que tentavam furar a barreira para comparecer à assembleia eram presos e espancados, tendo passado pela cadeia cerca de 200 homens.

Nada disso porém atemorizou os camponeses. Eles souberam utilizar todas as possibilidades legais para garantir o seu direito de reunião. A sede da Associação estava interdita no dia da assembleia apesar do mandado de segurança expedido pelo Juiz de Direito. Acompanhado do juiz os camponeses chegaram ao local e, diante daquela tenacidade e espírito de luta, a polícia foi forçada a retirar-se.

A assembleia realizou-se com a presença do deputado federal Euzébio Rocha, do prefeito Clíneo de Almeida, do Juiz de Direito de Guararapes, além de vereadores e outras personalidades de Guararapes e de Araçatuba. Tabeliães documentaram o reconhecimento feito no corpo dos camponeses presos que exibiram os ferimentos causados pelas torturas policiais. Os espancamentos foram tão violentos que os homens tiveram que ser internados no hospital.

Dia a dia se reforça a unidade dos camponeses que estão dispostos a lutar sem desfalecimento em defesa de seus direitos e contra o plantio de capim em suas terras, firmemente apoiados na sua organização sindical.

Unidade na luta por dias melhores

A situação dos homens do campo torna-se dia a dia mais insuportável e em todo o interior do país. A opressão secular do latifúndio torna-se ainda mais cruel com a agravação da situação econômica do Brasil submetido ao controle dos trustes lanques. Nessas condições, as massas do campo se movimentam, organizam-se e lutam por suas reivindicações, para libertar-se da asfixia a que estão submetidas.

Em meio às lutas dos camponeses que crescem no país, a combatividade dos posseiros e arrendatários da «Linha 9 de Abril» desperta a admiração e a solidariedade das amplas massas camponesas. Suas experiências de luta constituem um exemplo para milhares e milhares de trabalhadores agrícolas, hoje empenhados na luta pelos salários.

Vida Dos Partidos Comunistas

GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO NO ENCERRAMENTO DO IV CONGRESSO DO P. S. U. A.

DI 6 DE ABRIL terminou o IV Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha. O Congresso discutiu e aprovou o Informe do Comitê Central, apresentado por Walter Ulbrich. O Informe da Comissão Revisora Central foi apresentado pelo camarada Fred Oeissner; o da Comissão Central de Controle pelo camarada Hermann Mattern, e coube ao camarada Karl Schirdewan ler o Informe sobre as modificações nos Estatutos. O Congresso aprovou unanimemente o texto das modificações introduzidas nos Estatutos, após prolongados debates.

Durante os preparativos do IV Congresso, solicitaram seu ingresso no Partido 19.157 trabalhadores. Milhares de mensagens foram enviadas ao Congresso. Somente da Alemanha Ocidental vieram 800 militantes do Partido Comunista da Alemanha, trazendo a saudação de inúmeros sindicatos e organizações. Grande número de dirigentes de Partidos irmãos acompanharam os trabalhos do Congresso.

No dia do encerramento do Congresso foi eleito o novo Comitê Central, composto de 91 membros efetivos e 44 suplentes. O discurso de encerramento foi pronunciado pelo camarada Otto Grotewohl, Presidente do Partido e Primeiro-Ministro do Governo. No mesmo dia realizou-se em Berlim uma grandiosa manifestação pública, de que participaram 250.000 trabalhadores. No comício que se seguiu a essa manifestação, pronunciou um discurso o camarada A. I. Mikoian, delegado do Partido Comunista da União Soviética, de cujo Presidium faz parte. O discurso do camarada Mikoian, dirigido ao povo e reafirmando a política da União Soviética em favor da unidade e da independência da Alemanha foi delirantemente aplaudido pela multidão.

PREPARATIVOS PARA O CUMPRIMENTO DAS TAREFAS DO II CONGRESSO DO P.O.U.P.

Depois do II Congresso do Partido Operário Unificado Polonês, realizaram-se diversas entrevistas entre os dirigentes do Partido e personalidades sociais, trabalhadores da literatura e da ciência, inovadores da produção, a fim de se examinarem os problemas colocados pelo último Congresso do P.O.U.P.

A 24 de março realizou-se uma reunião de membros do Biro Político do P.O.U.P. e membros do governo com personalidades da Frente Nacional. Participaram da reunião, aberta pelo camarada Boleslaw Bierut, primeiro secretário do C.C. do P.O.U.P., um dirigente do Partido Democrata e o padre Czuj,

representante das personalidades católicas da Frente Nacional.

A 27 de março, houve uma reunião com os escritores e jornalistas e a 31 de março com representantes da ciência. A 3 de abril celebrou-se a reunião com os inovadores da indústria, da qual participaram igualmente dirigentes sindicais, da União da Juventude Polonesa e da União Feminina. Na reunião, presidida por Bierut, foi destacada a importância do movimento de racionalização e modernização para o bom cumprimento das grandiosas tarefas colocadas pelo II Congresso do P.O.U.P.

JOVENS CATÓLICOS INGRESSAM NA JUVENTUDE COMUNISTA ITALIANA

A FEDERAÇÃO Juvenil Comunista Italiana vem realizando um grande trabalho de recrutamento de novos membros. Em Bolonha ingressaram mais 3.000 jovens na FJCI, em Milão, 2.700; em Rávena, 2.415; na

Emilia, 2.125; em Módena, 1.150, em Brescia, 1.100.

Cumpre assinalar que dos 68 novos membros de um círculo juvenil de Pavia, 60 rapazes e 5 moças, pertenciam à organização juvenil da «Ação Católica». O mesmo se deu na província

de Milão, onde entraram na FJCI 500 moços e moças da «Ação Católica», e em Urbino, 50. As fileiras da Federação crescem com maior rapidez ali onde foram criados círculos juvenis que empreendem atividades culturais e políticas entre a juventude.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

PERGUNTA — O projeto de Programa do PCB apresenta uma mudança total ou parcial na linha do Partido. Isto é, trata-se de uma mudança estratégica ou tática? (Esther Bueno — Taubaté, São Paulo).

RESPOSTA — A pergunta acima é feita numa carta publicada na seção «O Povo Debate o Programa do P.C.B.». Nessa carta, a sua autora, camarada Esther Bueno, além de fazer a pergunta que transcrevemos, declara que, em sua opinião, houve com o Programa uma mudança apenas parcial na linha política do Partido, isto é: uma mudança na tática e não na estratégia do Partido.

A fim de ser abordada a questão com toda a clareza, convém lembrar o que significam a estratégia e a tática do Partido. A definição clássica de estratégia e de tática é a que foi dada pelo camarada Stalin no seu trabalho «Sobre os Fundamentos do Leninismo». Ensina-nos o camarada Stalin que a estratégia consiste em determinar a direção do golpe principal de ataque do proletariado, tomando por base a etapa em que se encontra a revolução; em elaborar o plano adequado para a distribuição das forças revolucionárias, isto é, das reservas principais e secundárias da revolução; e em lutar para levar a cabo esse plano ao longo de toda a etapa em que se encontra a revolução. Por sua vez, a tática, sendo uma parte da estratégia e seguindo as suas indicações, se ocupa das formas de luta e de organização, das mudanças e combinações dessas formas de luta, tendo em vista atrair as vastas massas para o proletariado e colocá-las sob a sua direção, assegurando com isso o êxito da estratégia.

Partindo da definição da estratégia e da tática, podemos sem dificuldades chegar à conclusão de que as mudanças verificadas em nossa linha política, à luz do Programa do Partido, pertencem fundamentalmente à estratégia. As modificações radicais introduzidas na tática são uma decorrência das mudanças de ordem estratégica, também radicais.

Por que podemos fazer tal afirmação? Porque o surgimento do Programa como é evidente, não determinou modificações apenas nas formas de luta e de organização da classe operária. Antes disso, o Programa traçou uma nova estratégia para o movimento revolucionário, implicando uma mudança radical na disposição das forças de classe.

Em que consistem as modificações essenciais introduzidas pelo Programa do P.C.B. na estratégia do Partido? O Programa do Partido definiu, com exatidão, o inimigo fundamental do proletariado e do povo brasileiro na presente etapa da revolução: o imperialismo norte-americano, a cujo serviço se colocam os latifundiários e grandes capitalistas associados aos monopolistas yanques, dos quais o governo de Vargas é a expressão política. Isso permite assinalar precisamente qual o objetivo estratégico no atual momento: acabar com o regime dos latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos imperialistas norte-americanos, derrubar o governo de Vargas, e instaurar o regime democrático e o governo democrático de libertação nacional — expressão dos interesses da maioria da nação.

Dessa maneira, torna-se possível estabelecer uma justa disposição das forças revolucionárias, tanto as reservas diretas como as reservas indiretas. É o que faz o Programa, ao indicar como o instrumento de luta para a libertação nacional a ampla frente única formada pela classe operária, os camponeses, a pequena burguesia, a intelectualidade e a burguesia nacional — sob a direção da classe operária e tendo como base a aliança entre os operários e os camponeses. Essas forças — que são as forças revolucionárias na atual etapa — lutam contra os latifundiários e os grandes capitalistas, sustentáculos internos do imperialismo norte-americano.

A justa direção estratégica traçada no Programa do P.C.B., ao definir como nosso inimigo principal na presente etapa o imperialismo norte-americano — e não o imperialismo em geral, da revolução em nosso país. Essa reserva indireta é representada pelas contradições, sempre agudas, existentes entre os países imperialistas que possuem capitais ou empresas no Brasil. A concentração do fogo da luta nacional-libertadora sobre o inimigo mais forte, o imperialismo yanque — embora os outros imperialismos, por serem mais fracos, não percam as suas características rapaces e espaladoras — facilita decisivamente a conquista do objetivo fundamental e, em consequência, a vitória da revolução democrático-popular.

Inegavelmente, essa disposição de forças é estabelecida pela primeira vez, e com toda justiça, no Programa do Partido.

O PROGRAMA DO PCB MODIFICOU A ESTRATEGIA DO PARTIDO

Poder-se-ia objetar, contra essa afirmação, que no Manifesto de Agosto, levantávamos a palavra-de-ordem de luta pela democracia popular. Levantávamos, sem dúvida. Mas isso era feito ainda de maneira falsa, pois as transformações que então reivindicávamos na estrutura econômica, social e política do país, não correspondiam, na verdade, às características essenciais do regime democrático-popular em sua primeira etapa. Procurávamos, é verdade, determinar uma direção estratégica, mas porque não tomávamos por base, de modo justo, a etapa da revolução em que nos encontramos, essa direção estratégica era incorreta, não correspondia à realidade e, portanto, não podia ser tornar vitoriosa. Evidentemente, isso acontecia antes de tudo em consequência de não se proceder a uma análise científica, marxista-leninista, da realidade brasileira.

Como resultado dessa direção estratégica inadequada à etapa da revolução, era naturalmente falsa a disposição de forças estabelecida no Manifesto de Agosto. Isso diz respeito sobretudo à questão do papel e da participação da burguesia nacional na frente única antiimperialista e antifeudal. Aparente-

mente, o Manifesto de Agosto conceitava os «comerciantes e industriais» a participarem da frente única, e inclusive dirigia contra a frente democrática de libertação nacional. Mas na realidade, afastava por completo a possibilidade dessa parte da burguesia participar da luta revolucionária. Como assina o camarada Prestes, era isso o que acontecia, por exemplo, ao reclamarmos a nacionalização dos bancos e de «todas as grandes empresas industriais e comerciais de caráter monopolista ou que exerçam influência preponderante na economia nacional», assim como ao exigirmos a «completa nacionalização das minas, das quedas d'água e de todos os serviços públicos». Quer dizer: a disposição de forças era feita excluindo-se a burguesia nacional do conjunto das forças revolucionárias interessadas na libertação do país do jugo do imperialismo americano dos latifundiários e dos grandes capitalistas associados aos monopólios yanques.

Estes exemplos demonstram que a estratégia traçada no Programa do Partido é a mesma estratégia traçada no Manifesto de Agosto. Diferente é a definição do objetivo fundamental feita no Manifesto e no Programa.

ma. Diferente é a disposição das forças de classe estabelecida num e noutro documento. Há, portanto, entre esses dois documentos profundas e radicais modificações no que se refere à estratégia do Partido.

O Programa do P.C.B., pela primeira vez na história do Partido, traça uma estratégia completa e, em consequência com isso, estabelece uma tática justa e acertada.

Pelo que se depreende de sua carta, a camarada Esther Bueno confunde a direção estratégica com o objetivo final do proletariado. Partindo dessa incompreensão, diz que a estratégia não se modificou com o Programa, porque não conquistamos ainda o socialismo. Mas a conquista do socialismo não constitui, de modo algum, nosso objetivo estratégico no atual momento histórico, o objetivo estratégico atual do Partido, a base das conclusões da análise marxista da realidade brasileira e dos pontos do Programa, é a derrubada do governo e do regime atualmente dominantes no país e a sua substituição pelo governo democrático de libertação nacional e o regime democrático-popular. A construção do socialismo e a edificação da sociedade comunista no Brasil são nossos objetivos finais, como partido de classe do proletariado. Mas só será possível nos lançarmos na luta direta pela conquista desses objetivos depois de lavarmos a vitória a nossa estratégia atual.

A iniciativa da camarada Esther Bueno, dirigindo-se à redação da VOZ OPERÁRIA com o objetivo de esclarecer dúvidas surgidas na discussão do Programa do Partido, deve constituir um exemplo a ser seguido por todos.

OS BENS DA IGREJA SERÃO RESPEITADOS E GARANTIDOS

O órgão da imprensa popular «O Democrata», do Ceará, em sua edição de 25 de março último, publicou uma resposta na seção dedicada ao debate do Programa do P.C.B. que, por não estar correta, exige um melhor esclarecimento.

Trata-se da resposta dada a um leitor da cidade de Crato que, dirigindo-se em carta ao jornal do povo cearense, afirmou que «a expropriação de todos os bens da Igreja» e a «abolição do celibato clerical» são, entre outras «medidas que surgirão como uma decorrência natural da aplicação do Programa». Formalmente, «O Democrata» discorda dessa afirmação, que na realidade nada tem a ver com o Programa do P.C.B. Mas, ao fazê-lo, o jornal não esclarece suficientemente a questão e, de certo modo, o que faz em sua resposta é repetir por outras palavras o que dissera o leitor de Crato. Assim é que escreve «O Democrata», referindo-se àquelas medidas mencionadas pelo seu leitor:

«O que não é possível é incluir na estrutura de um programa como o Programa do P.C.B. — que levanta as questões de base, econômicas e sociais — toda uma série de medidas que deverão fazer parte, logicamente, de uma planificação posterior para a própria execução do Programa.»

Em face destas palavras, a que conclusão poderão chegar os leitores de «O Democrata»? À conclusão, evidentemente falsa, de que a «expropriação de todos os bens da Igreja» e a «abolição do celibato clerical» não constam no Programa do P.C.B. por não serem questões de base; no entanto, serão objeto de uma planificação no futuro, quando for instaurado o governo democrático de libertação nacional. Não há, portanto, como se vê, nenhuma diferença essencial entre o que diz «O Democrata» e o que fora dito pelo leitor de Crato.

Qual, então, a maneira correta de encarar esse problema, à luz do Programa do P.C.B.? Na realidade, as questões suscitadas pelo leitor de «O Democrata» nem constituem «medidas de base», nem serão objeto de qualquer «planificação posterior» para a execução do Programa do Partido Comunista do Brasil.

Contraria radicalmente o Programa do P.C.B. afirmar-se ou admitir-se que serão «expropriados todos os bens da Igreja». Nada existe no Programa que possa levar a essa falsa conclusão. Ao contrário: nos pontos 2, 25 e 37 do Programa estão estabelecidos com a maior clareza possível os únicos casos em que se verificará a confiscação. Assim é que serão confiscados apenas os capitais e as empresas pertencentes aos mono-

pólios norte-americanos que operem no Brasil; os capitais e as empresas dos grandes capitalistas que traírem os interesses nacionais e se aliarem aos imperialistas americanos; e as terras dos latifundiários, que serão entregues aos camponeses e a todos que nelas queiram trabalhar. Apenas nessas circunstâncias, e em nenhuma outra, se verificará a confiscação de bens pelo governo democrático de libertação nacional.

Em relação aos bens da Igreja, eles serão respeitados e plenamente garantidos pelo futuro poder.

Quanto ao celibato, prática adotada por uma das Igrejas — a Igreja Católica — trata-se de um problema que, do mesmo modo, nada tem a ver com o Programa do P.C.B. É uma questão que interessa fundamentalmente à própria Igreja Católica, e que somente a ela cabe resolver.

Fica esclarecido, portanto, que as medidas mencionadas pelo leitor de «O Democrata» não constam no Programa do P.C.B. não porque deixem de ser medidas de base. Elas não estão inscritas no Programa do Partido porque são medidas que se chocam frontalmente com o caráter amplo e unitário desse documento, são medidas que não serão levadas à prática pelo futuro poder — o poder democrático popular.

A resposta incorreta e sectária dada pelo «O Democrata» alerta os jornais da imprensa popular para a necessidade de um estudo intenso e cada vez mais sério do Programa do P.C.B., a fim de evitar que fatos dessa natureza se repitam, podendo prejudicar a aprovação do Programa pelas grandes massas de nosso povo.

Os comunistas não admitem, em nenhuma hipótese, qualquer discriminação de natureza religiosa. Lutamos intransigentemente pela ampla liberdade de crença e de culto em nosso país, — liberdade que será assegurada integralmente pelo governo democrático de libertação nacional. Os comunistas também não estabelecem distinção entre os fiéis de qualquer crença ou culto religioso, estendendo-lhes a mão, sincera e fraternalmente para a luta contra o inimigo que ameaça a todos: o imperialismo norte-americano e seus serviços em nosso país, representados pelo governo de Vargas. Católicos, protestantes, espíritas, budistas, etc., etc., sofrem da mesma maneira as consequências funestas da dominação de nossa pátria pelos monopólios norte-americanos e da política de fome e opressão do governo de Vargas. O atraso do país, os salários miseráveis, a espantosa carência da vida, a supressão dos direitos democráticos e a ameaça de sermos arrastados à guerra atingem igualmente aos religiosos de todas as crenças e aos que não professam qualquer religião. Por isso mesmo, podem e devem unir-se todos os brasileiros, apesar de suas diferenças no terreno religioso, e sem que precisem renunciar às suas próprias convicções, para a luta comum pela libertação do Brasil e pela salvação de nosso povo. É justo lembrar a esse respeito que o Programa do P.C.B. inclui destacadamente os «sacerdotes ligados ao povo» entre os setores da população brasileira que participarão da poderosa frente única de luta pela instauração em nosso país do governo democrático de libertação nacional.

Para o êxito dessa luta, os comunistas estendem a mão aos religiosos de todas as crenças, dando provas de mais puro patriotismo e de mais absoluta sinceridade de propósitos.

Salvem-nos da Destruição Atômica!

NO DIA 6 deste mês, os Estados Unidos fizeram explodir mais uma bomba de hidrogênio no Pacífico, duas mil vezes mais potente do que a que destruiu Hiroshima. Em consequência da primeira explosão, realizada a 1º de março último, uma ilha (Kulugelab) desapareceu do mapa, no atol de Bikini. Seus efeitos se fizeram sentir a centenas de quilômetros, queimando pescadores japoneses que se encontravam fora da chamada "área de segurança", danificando cardumes de peixes, provocando nuvens de "poeira atômica" que voam a grande altura, podendo cair em qualquer parte da terra e envenenar homens, plantas e animais nos mais distantes rincões.

Não se conhecem ainda os efeitos maléficos da nova experiência das forças armadas dos EE. UU., mas o sr. Lewis Strauss, presidente da Comissão de Energia Atômica do governo americano, anuncia que Eisenhower ordenou-lhe impedir o aumento da produção de bombas-H, cujo poder destruidor é difícil avaliar e controlar. Os EE. UU. gastarão mais um bilhão e trezentos e quarenta e dois milhões de dólares com armas termo-nucleares no ano fiscal de 1955.

Um só Ataque: 9 Milhões de Mortos

Essas armas de destruição em massa representam um perigo imediato para a humanidade. Se chegassem a ser utilizadas, destruiriam nações inteiras e poderiam mesmo dizimar na prática a civilização. O Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, por exemplo, chegou à conclusão de que um ataque atômico a uma grande cidade americana (Nova Iorque), na melhor das hipóteses, mesmo que funcionassem a contento todas as medidas de precaução e defesa, acarretaria a morte imediata de nove milhões de pessoas, além dos feridos, em número de dois milhões no mínimo. Calcula-se que um ataque atômico poderia destruir para sempre países de população concentrada em pequeno território, como a Inglaterra e o Japão.

Empestado o ar Que Respiramos

Mas as bombas de hidrogênio não representam apenas um perigo gigantesco em potencial, caso fosse deflagrada uma guerra mundial, o que nos cumpre, a todos os homens com sentimentos humanos, prevenir e debelar. As experiências com a Bomba-H determinadas pelo governo americano constituem uma ação já deflagrada, fazendo vítimas e causando prejuízos no momento presente. Isso porque essas bombas lançadas pelos americanos, no Pacífico, além dos efeitos danosos que causam em torno, criam nuvens de poeira radioativa, de periculosidade ainda não completamente conhecida e que estão se espalhando pela superfície da terra. Em países tão distantes do atol de Bikini, como o Canadá e o México, já foi assinalada a presença dessa poeira mais. Todos os povos e países se encontram ameaçados pelos efeitos desses exercícios de destruição.

Política Americana: Suicídio em Massa

Não é por acaso, as consequências das "testes" americanos com a bomba-H e o perigo de destruição total que devem entrever vêm alarmando a opinião pública. Mesmo entre círculos governamentais dos países capitalistas, que têm apoiado a política de guerra dos EE. UU. e que se têm recusado a aceitar as propostas soviéticas no sentido da interdição das armas atômicas, manifesta-se agora preocupação ante o aspecto macabro que vai assumindo a louca política de conquista do mundo pela chantagem atômica. Dentro dos próprios EE. UU. alastram-se os protestos contra as experiências atômicas. Os sindicatos clamam contra o perigo, juntamente com sacerdotes, cientistas, donos de casa. Essa inquietação reflete-se mesmo entre os políticos e na "grande imprensa". A 28 de março, por exemplo, o "New York Times" publicou uma carta do conhecido publicista Lewis Mumford contra a chamada "política de retaliação" anunciada por Eisenhower, que consiste em prometer afogar qualquer movimento de independência e libertação dos povos por meio da força, inclusive do ataque atômico, sob o cínico pretexto de que se trata de "agressão russa". Diz Mumford, logo apoiado por diversos cientistas e homens públicos, que tal política representa o suicídio em massa e "que o povo americano ainda está suficientemente são para chegar a uma conclusão mais sã do que a que chegou o nosso governo até agora". "Ele compreenderá — acrescentou — que retaliação não é proteção; que extermínio de ambos os lados não é vitória; que um constante estado de medo mórbido, suspeita e ódio não é segurança; que, em suma, o que parecia poder ilimitado tornou-se impotência".



Momento histórico: O Soviet Supremo da U.R.S.S., reunido a 19 de junho de 1950, aprova por unanimidade a "Apelo do Estocolmo" em favor da imediata interdição das bombas atômicas.

Erguem-se os protestos de toda a humanidade contra a ameaça da bomba de hidrogênio — A vontade dos povos pode e deve prevalecer sobre os gestos insanos dos provocadores de guerra —

Alarme na Inglaterra

Meior ainda é o alarme em outros países, principalmente naquelas nações vitimizadas pela última guerra.



A explosão de uma Bomba-H no atol de Bikini.

Isso sem falar dos povos da URSS e dos países de democracia popular, duramente atingidos pela guerra, e que apoiam de todo coração a política de paz da União Soviética e de seus governos e tudo fazem para evitar um

Foster Dulles à face da humanidade. Na Inglaterra, o Parlamento aprovou unanimemente a moção em favor do encontro dos chefes de Estado dos Três Grandes para um acordo sobre armas atômicas. Nesse dia verda-

de York, dr. Cyril B. Garrett, e essa grande figura de combatente da paz que é o famoso Deão do Canterbury. **Protestos em todo o mundo**

O governo japonês, não obstante seu servilismo aos lanques, protestou contra as experiências no Pacífico e pediu para não prosseguirem, já que estão atingindo diretamente toda a vida do Japão, inclusive envenenando um alimento básico de sua população — o peixe. O chefe do governo indiano, Nehru, fez um protesto dramático contra a ameaça representada pelas explosões de Bombas-H propondo um plano para debelar o perigo em que se prevê o cancelamento das explosões experimentais, uma reunião para promover o desarmamento e a divulgação de tudo o que se sabe ou não se sabe so-

O Caminho da Salvação

A humanidade vislumbra, assim, horrorizada, o caminho que lhe oferecem os bandidos imperialistas: destruição em massa por meio de uma carnificina atômica mundial, desde que sejam salvos seus odiosos privilégios de supermagistas. Mas, não há por que tomar-se de pânico. Existe outra alternativa, a única que convém ao gênero humano. É o caminho que aponta a União Soviética, o caminho da coexistência pacífica entre sistemas diferentes, a interdição imediata das armas de destruição em massa e o controle efetivo dessa proibição. A U.R.S.S. tem afirmado reiteradamente, não obstante a sua qualidade de potência atômica capaz de revidar os golpes que porventura vier a receber, sua disposição de abolir para sempre tais engenhos fatídicos, reduzir em escala substancial todos os armamentos, promover o alívio da situação internacional e realizar um pacto de Paz entre as 5 Grandes Potências abertas a todos os países.

Para as Explosões — Exigem os Povos

Fazendo-se o porta-voz de milhões de homens em todo o mundo inteiro, de massas humanas de todas as raças e nacionalidades, de todas as religiões, correntes e partidos, o Movimento Mundial da Paz, cujo 5º aniversário os povos comemoram este mês, indica-nos uma saída prática para a atual encruzilhada, para debelar o perigo: Oun-nos, a todos os homens que prezam a Paz e a Vida, seja de quaisquer divergências, exigir a interdição das armas de destruição em massa, que sejam destruídas as já existentes e proscriam a sua fabricação, que todos os governos se comprometam a executar tais decisões e que se estabeleça um controle efetivo e prático para garantir a aplicação dessas medidas.

Enquanto não se chega a tal acordo, porém, cumpre exigir imediatamente e por todos os meios a cessação das experiências com as bombas de hidrogênio, cujas explosões estão infligindo sérios prejuízos à humanidade e seletam a incerteza e o terror entre as populações. Esta é alternativa que se apresenta à humanidade para salvar-se da destruição atômica. Trata-se de uma alternativa perfeitamente viável, pois a vontade dos povos pode deter a mão de quaisquer governos. Essa vontade prevalecerá em dúvida.

A Humanidade à Beira da Catástrofe

Com justificada inquietação, verifica-se que a humanidade se encontra sob terrível ameaça. Homens como Eisenhower e Dulles, instrumentos dos grandes trustes, mantêm em suas mãos o poder de determinar a explosão de terríveis engenhos de destruição capazes de incendiar o mundo. Os monopólios lançam, em sua ânsia de lucros máximos, perseguem o louco objetivo de destruir a União Soviética por meio de uma guerra total a fim de dominarem o mundo e tentarem salvar-se da crise gerada por seu próprio sistema de exploração e pilhagem. Previsam de guerras e preparativos de guerras para alimentar suas montanhas de ouro. Auferem milhões com a fabricação de armamentos. O truste Dupont e outros fabricam as bombas de hidrogênio e os materiais de guerra e dominam a economia e o governo dos EE. UU. As consequências dessa política, danosas para a humanidade, e cuja extensão ainda não é de todo conhecida, já se fazem sentir com as atuais "experiências" atômicas. Se os trustes conseguissem desencadear a guerra, seria o fim da civilização mundial, diz uma voz responsável e autorizada como a de G. M. Malenkov, chefe do governo da União Soviética.

Sanjuro Masuda, um dos pescadores japoneses gravemente atingidos pelas explosões atômicas deflagradas pelos norte-americanos no Pacífico

DECLARAÇÃO DO BIRO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ

A explosão da Bomba-H em Bikini, seus efeitos atrozes sobre os seres humanos, a impossibilidade demonstrada de controlar a extensão de seu raio de ação e as ameaças de seu emprego, provocaram a indignação da consciência universal.

A proibição das armas atômicas, reclamada no Apelo do Estocolmo, apoiada por centenas de milhões de homens, converteu-se hoje na exigência de todos os povos.

A ciência não libertou forças imensas para eliminar o homem da superfície da terra nem para aniquilar num momento os frutos de seu trabalho milenar, mas para encontrar os meios de aliviar seus sofrimentos atuais e ajudá-lo a conseguir uma vida mais próspera.

A proscrição da guerra atômica não é somente necessária, mas possível. Pode-se conseguí-la mediante um acordo internacional que proíba todos os tipos de armas e de venenos radioativos. Pode e deve ser instituído um sistema de inspeção e de controle internacional. Sem demora, os povos devem exigir dos governos a conclusão de um acordo que proíba todas as armas de destruição em massa.

O BIRO DO CONSELHO MUNDIAL DA PAZ, Viena, 20 de março de 1954.

O BANCO AGRICOLA da UNIÃO SOVIETICA



1 — A direção do colcoç «Kalev» discute o que deve construir em 1954 e como utilizar melhor o crédito concedido pelo Banco Agrícola. V. Freirek, inspetora da sucursal estoniana do Banco Agrícola da URSS, faz uma exposição. 2 — Na seção de Harju, do Banco Agrícola, Meeri Ojaves, caixa do colcoç «Kalev», recebe o cheque que lhe permitirá receber o crédito destinado ao colcoç.

NOS dias atuais, a grande indústria da URSS entrega em nove dias o mesmo volume de produção que proporcionava durante todo um ano, na Rússia anterior à Revolução.

Ninguém precisa pedir empréstimos

O financiamento agrícola na URSS é feito de acordo com um plano. Tomemos um exemplo, o da República Socialista Soviética da Estônia, uma das mais novas repúblicas soviéticas (1940). O plano de crédito às cooperativas (colcozes) é submetido à aprovação do seu Conselho de Ministros e é discutido pelo Comitê Executivo do Soviet de cada distrito. Como se sabe, são numerosos os colcozianos eleitos para os soviets. Uma vez aprovado o plano, o Banco Agrícola financia os colcozes, concedendo-lhes créditos amortizáveis em onze anos, como praxe máxima.

O Crédito Agrícola na União Soviética

O Banco Agrícola da URSS foi fundado para financiar as construções básicas das empresas agrícolas do Estado. Ao mesmo tempo, o banco concede créditos a longo prazo aos colcozes para a construção de granjas de gado, usinas elétricas e sistemas de irrigação, bem como para o melhoramento das terras. Além disso, o Banco Agrícola faz empréstimos individuais aos trabalhadores dos sovkoses e colcozes, bem como aos especialistas da agricultura, para a construção da casa própria.



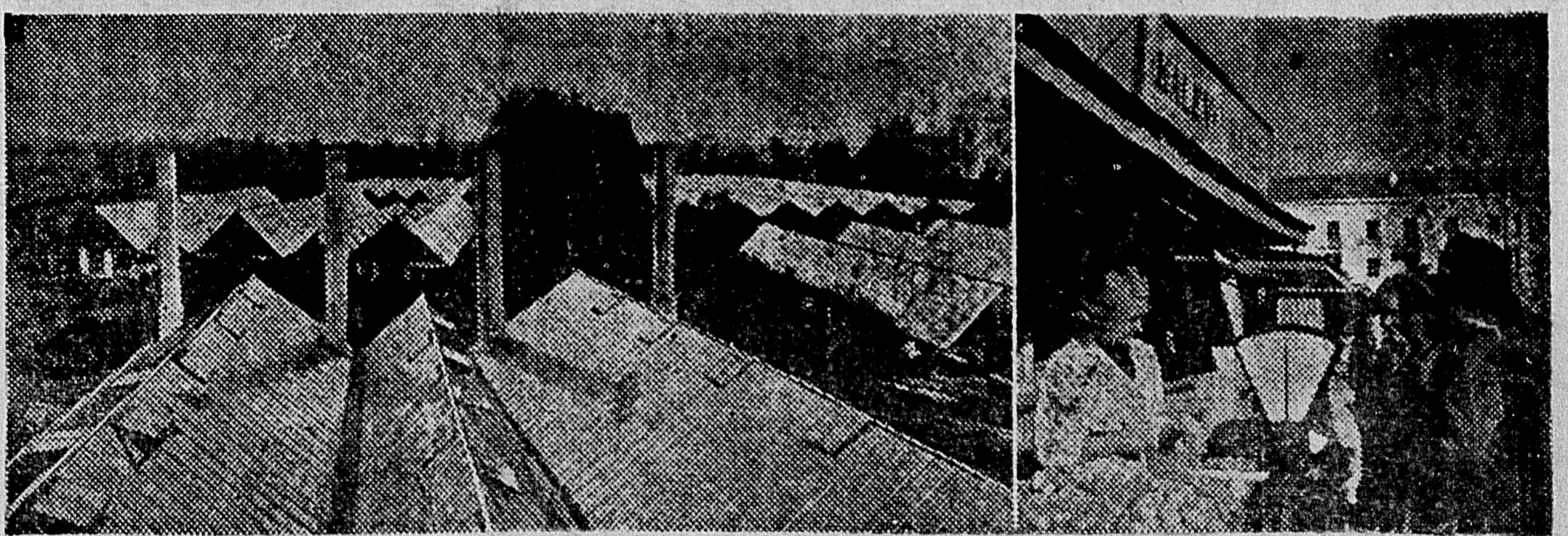
Uma das dependências da sucursal do Banco Agrícola da URSS na ESS da Estônia.

Escritórios e Sucursais em toda parte

O Banco Agrícola está próximo, em contato direto com os colcozes, por meio de uma extensa rede de escritórios locais e sucursais. Sua atividade não se limita à entrega do dinheiro. O Banco Agrícola se entrosou no sistema de controle a aplicação do financiamento, e cumprimento dos planos de economia nos custos de produção, a observância do orçamento e do projeto de obras.

Os créditos a longo prazo facilitados pelo Banco Agrícola permitem desenvolver mais intensamente a agricultura e a pecuária, contribuindo assim para o cumprimento das tarefas fixadas em setembro pelo Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

A atividade do Banco Agrícola na R.S.S. da Estônia e das seções de sua sucursal são ilustradas pelos flagrantes colhidos pelo fotógrafo soviético L. Mijnerovitch e que dão uma ideia clara do papel desempenhado pelo sistema soviético de crédito no desenvolvimento da agricultura do país.



3 — Armazéns do colcoç «Kalev» construídos com os créditos facilitados pelo Estado por intermédio do Banco Agrícola da URSS.

4 — Hortaliças dos demantios do colcoç «Kalev» expostas à venda no mercado central de Tallin, capital da Estônia soviética.

VOZ DOS LEITORES

TRABALHO DE GRAÇA DURANTE TRÊS ANOS

PELOTAS (Do correspondente) — O camponês Alcides de Cantos trabalhava há três anos na fazenda do sr. Cândido Ribeira Meireles, na Costa de Santo Antônio, 3.º Distrito de Canguçu. Cuidava sozinho do campo e do gado, pois o patrão não colocava outros empregados. Quando Alcides de Cantos não podia realizar sozinho uma tarefa, o patrão mandava-o que ele arranjasse quem o ajudasse.

Nestes três anos de trabalho pesado, o camponês não recebeu um centavo, nem teve salário fixado. Mil e uma promessas de pagamento ficaram por isso mesmo. O trabalhador se mantinha com o produto de um pequeno cercado que conseguiu plantar. Mas as dívidas se acumulavam a ponto de dever cerca de 2.000 cruzeiros no armazém no fim do ano passado. Tinha então que trabalhar como avulso nas granjas vizinhas. Certa vez o gado lavadiu seu cercado e, ao reclamar junto ao fazendeiro, ainda teve que ouvir desaforos. Agora, a pretexto de um acidente ocorrido com uma carreta, o fazendeiro expulsou o camponês da terra sem falar sequer no pagamento dos 3 anos de serviço. O camponês ficou arruinado devendo ainda 1.400 na venda, passando as maiores privações com sua mulher e três filhos de 6, 3 e 2 anos.

Alcides, entretanto, não desesperou. Caiu-lhe nas mãos um volante conclamando os trabalhadores do campo a se unirem. Seu primeiro impulso foi vir à cidade, tirar carteira profissional e ingressar no Sindicato Rural onde, ao lado de milhares de homens oprimidos como ele, poderá lutar pelos seus direitos e os direitos de todos os camponeses explorados pelo regime dos latifundiários, representado pelo governo antinacional de Vargas.

ativadores e barçaceiros. O programa dos salinheiros é o seguinte: 1 — Luz para os ranchos; 2 — higiene nos locais de trabalho e um refeitório para os ranchos; 3 — proteção e amparo no trabalho, mediante fornecimento de calçados apropriados para a extração do sal e outras medidas para melhorar as condições de trabalho; 4 — lutar por um novo contrato de trabalho que venha melhorar e satisfazer a classe; 5 — por Abono de Natal, por uma diária melhor aos que são acidentados; 6 — amparo às vítimas do "maxixe"; ferramentas por conta dos patrões; 7 — lutar pelo rodízio pelo sindicato; lutar contra a falta dos 7 litros, pois a mesma deve ser de 5 litros e contra a falta d'água.

Para os estivadores o programa proposto é o seguinte: 1 — Rechego de Porde por conta das companhias, de acordo com a lei. 2 — Condição segura e apropriada "vice e versa", uma ambulância e um ambulatório médico a bordo do navio. 3 — Higiene e segurança no local de trabalho, além do pagamento de 24 horas após o carregamento do navio. 4 — Estabelecimento da jornada de apenas 8 horas de trabalho. 5 — Rodízio dos contramestres de porões como já deliberou o Ministério do Trabalho numa convenção com as empresas, cuja deliberação já foi homologada pelo mesmo; e Abono de Natal.

Os barçaceiros que estão sofrendo injustificadas perseguições sendo demitidos sem indenização, têm o seguinte programa: 1 — Autonomia sindical; direito de não trabalhar à noite e etapa única de trabalho; recebimento integral da parte variada e da etapa única na indenização. 2 — Equiparação dos portos de salinas próximas com distantes. 3 — Lutar intransigentemente pela Semana Inglesa; Abono de Natal. 4 — Pela sindicalização de todos os trabalhadores. Por esses programas os salinheiros, estivadores e barçaceiros estão dispostos a lutar unidos e organizados a fim de sair da extrema miséria e do sofrimento a que estão expostos.

DEMOCRATAS PRESOS ARBITRARIAMENTE EM BRUSQUE

BRUSQUE — Santa Catarina (Do correspondente) — Dois patriotas que, segundo consta foram barbaramente espancados pela polícia local,

se encontram presos. Um deles chama-se Dibo Elias e o outro Morais e consta que a polícia forjou contra eles um processo-farsa. O delegado da ordem política e social Miranda e o delegado Evaldo Schofer são os autores da violência. Esse delegado é um notório fascista que no tempo da guerra, segundo se fala por aqui, esteve várias vezes preso como traidor da pátria.

Os operários de Brusque sabem que essas prisões atingem aqueles que mais se batem por melhores dias para todos os trabalhadores.

OBRIGADOS A TRABALHAR DOENTES OS FERROVIÁRIOS DA CENTRAL

CONSELHEIRO LAFAIETE (Do correspondente ferroviário da E.F.C.B.) — O sr. J.L.5., Joaquim Ribeiro de Almeida, mandou afixar no 5.º Depósito de Conselheiro Lafaiete a 29 de março último, o seguinte aviso: «Sr. Encarregado da Conserva, Rogo-lhe a fineza de identificar aos servidores Mário de Souza, José Rosa de Melo, Antônio Pereira Campos, Severiano Gandra, José Vicente Meireles e Emir Dias, de que se continuarem de licença serão transferidos para outros setores tendo em vista que o serviço de conservação exige a presença de todos os operários do quadro. Memorando n. 175. a) J.L.5. Joaquim Ribeiro de Almeida.»

Acontece porém que um desses trabalhadores foi operado e outro está para ser operado também. Todos os trabalhadores que figuram nesse memorando estão em tratamento de saúde e muitos outros servidores estão trabalhando doentes, privados de tirar licença para tratamento. Esta inspetoria não fornece a ficha ou o conhecido formulário para que o médico possa atender e examinar os doentes para efeitos de concessão de licença. Isso é uma arbitrariedade e atenta contra os mais elementares direitos humanos, para não falar nos direitos que as próprias leis asseguram aos trabalhadores. É assim que agem o sr. J.L.5. e determinados subalternos, além de fazerem outras ameaças aos ferroviários. Quanto a nós, não há outro caminho senão a organização e a luta em defesa de nossos direitos.



REGIME DE NEGOCIATAS E VIOLÊNCIAS IMPOSTO AOS FERROVIÁRIOS DA "GOIÁS"

ARAGUARI — (Do correspondente) — Uma comissão de ferroviários se encontra no Rio desde 13 de março último. Eram funcionários da Estrada de Ferro Goiás, com sede nesta cidade, que se dirigiam ao Ministério da Viação para denunciar ao ministro José Américo os motivos reais que levaram o major Mauro Borges Teixeira, filho do governador Pedro Ludovico, de Goiás, a mudar a sede da referida Estrada para a capital daquele Estado. Passando pela Galeria Cruzeiro, um dos membros da comissão, sr. Ellemour Ribeiro, quando se afastou por momentos de seus colegas para comprar cigarros, foi raptado por elementos que seguem a comissão dentro de um carro. Entre os raptadores encontrava-se o major Mauro Borges em pessoa, que conduziu a vítima para o apartamento de seu mano, na Praia do Flamengo, mantendo-o ali durante dois dias sob torturas.

Semanas antes tombava morto em Araguari, com a cabeça varada por um balaço de carabina, o engenheiro da Estrada de Ferro Goiás, Francisco de Assis, em frente de sua residência, antes das 22 horas. Entre os assassinos foram observados os maiores da guarda pessoal do major Mauro Borges Teixeira. Anteriormente a esses dois fatos, modestos ferroviários eram chamados a repartições da ferrovia e submetidos a torturas para «confessarem» os

nomes dos elementos que não se submetiam aos desmandos do major. Ali estão três fatos que definem o homem que atualmente se encontra no posto de diretor da «Goiás».

NEGOCIATAS

O ministro José Américo, que repetidas vezes afirmou que não permitiria a mudança de sede da ferrovia para Goiânia, acabou tomando o partido do major, contra os interesses da ferrovia, principalmente dos ferroviários.

Os motivos dessa mudança só se prendem aos interesses daqueles que fazem negociatas à custa da empresa e dos trabalhadores. Sabe-se, por exemplo, que uma automotriz anda pela linha a fazer propaganda eleitoral dos candidatos de Ludovico e a praticar arbitrariedades, como em Goiandira, onde 5 elementos desse bando espancaram um servidor dos correios. Os apaniguados de Ludovico recebem gasolina gratuitamente em troca de votos. A empresa C.B.S. — fato público e notório — «ganha» da «Goiás» pedra bruta, homens para o serviço, maquinaria e combustível para o calçamento da linha. Em troca, vende o que «ganha» à própria Goiás, com polpudos lucros para o major Mauro.

Outro fato que até parecia piada é o que ocorreu com a construção de duas vigas de cimento para um pontilhão. As vigas foram construídas sobre um vagão da E.F. Mogiana e ficaram tão pesadas que agora a Estrada não pode retirá-las dali pois seu guindaste não suporta o peso... Só o aluguel dessa gondola deve ser maior que as diárias de muitos trabalhadores.

O «progresso» da ferrovia foi tão vertiginoso que agora, apenas 4 locomotivas trafegam em toda a extensão da linha.

Entre outras trapalhadas, o major Mauro instituiu há tempos uma verba denominada «Contribuição Voluntária» (CV), arrecadada em traças a uma elevação de 20% nas tarifas, a pretexto de obter numerário para o pagamento das horas extraordinárias do pessoal da tração. Mas os trabalhadores jamais viram um níquel sequer dessa verba. Sabe-se que apenas o major Nóbrega, lugar tenente do diretor e o dr. Evandro gozavam dos benefícios da CV, já extinta, finalmente, em face do escândalo que resultou das denúncias pela imprensa.

Mas não é só. Para fazer demagogia, o major instituiu uma «barraquinha em Araguari», alegando que o lucro seria revertido em favor de «Natal dos Ferroviários». Mas até hoje não houve sequer prestação de contas dessa arrapuca.

Explica também o fato de que o major se aferra com

unhas e dentes à direção da ferrovia, a dívida de 3 milhões de cruzeiros que, segundo consta, tem o major para com a firma Irmãos Alves & Cia., de Goiânia. Onde iria ele buscar tanto dinheiro?

DIREÇÃO AMERICANA

Afinal, o major Mauro aguarda o recebimento de 280 milhões de cruzeiros que a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos designou para a Goiás como empréstimo para seu reaparelhamento... O major tem, assim, razões de sobra para executar a sua parte na política de tração nacional de Vargas. Em boletins costumados dirigidos aos ferroviários ele já fez questão de tornar pública sua subserviência àquela comissão americana.

Quanto à mudança da sede para Goiânia, é evidente também que se prende aos interesses eleitorais do desmoralizado grupo do governador Ludovico que precisava de medidas desse tipo para enfrentar um eleitorado que o odeia, que muito tem aprendido durante os últimos anos. O governo de fome e violência que derramou o sangue dos jornalistas Haroldo Gurgel e Antônio Barbosa, sente necessidade de golpes dessa natureza para apresentá-los como benefício para o povo de Goiás...

OS TRABALHADORES, AS VÍTIMAS PRINCIPAIS

Mas a vítima principal desses manejos são os ferro-

SALINEIROS, ESTIVADORES E BARÇACEIROS VÍTIMAS DE CRUEL EXPLORAÇÃO

AREIA BRANCA (Do correspondente) — O regime de exploração imposto pelo governo de Vargas ao povo brasileiro tem um dos seus mais revoltantes exemplos nas salinas desta cidade. Ali não se respeitam as próprias leis trabalhistas, não há segurança no trabalho e os salários não chegam para a metade das despesas. Os operários, descalços muitos deles, são obrigados a trabalhar com os pés no sal não dispondo também de proteção para as mãos. Originam-se daí ferimentos dolorosíssimos pois o sal corrói os pés e as mãos como se fosse potassa. Esse acidente devido à insalubridade do trabalho é o chamado "maxixe" que atinge a totalidade dos operários que manipulam com o sal, sem que os empregadores lhes forneçam meio algum de proteção.

Além disso, os operários são lesados no pagamento pela famigerada "cuisa de 7 litros". A cuja legal deve ter 5 litros e o que recebem em pagamento, corresponde somente a essa quantidade,



ficando os patrões, de saída, com um lucro de dois litros. Os operários residem em miseráveis barracões sem água, luz, sem conforto algum. Centenas de mulheres e menores são ainda mais desumanamente exploradas pois pelo mesmo trabalho dos homens, recebem salário inferior.

Mas não só os trabalhadores das salinas são os prejudicados. Os da estiva também recebem salários muito abaixo das necessidades. Não dispõem de assistência médica nem de caixa de socorro. Por sua vez, os empregados das barcaças sofrem as mesmas privações. O problema da condução de ida e volta é também sentido por todos os trabalhadores das salinas.

Diante dessa situação foi organizado um programa de reivindicações para cada um dos setores — salinheiros, es-

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOAO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.º
and. sala 1712
CURSOS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.º andar.

P Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527 sala 42.

Recife — Rua da Palma, 295, s/ 105. Ed. Soel

Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.

Fortaleza — Rua E. de Rio Branco, 1248, s/22.

Endereços telegráficos da Matriz e das Sucursais:

VOZPERIA ASSINATURAS

Anual Cr\$ 80,00
Semestral 30,00
Trimestral 15,00
N avulso 1,00
N atrasado 1,50

Este semanário é retornado em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.



8 DE SETEMBRO

Eles Nos Contam a História Da Vida Diária no Trabalho

Uma das iniciativas da Comissão Intersindical Coordenadora das Comemorações de 1º de Maio, do Distrito Federal foi a instituição do «Mês da Imprensa Sindical», sob o patrocínio do Sindicato dos Jornalistas Profissionais. O início da comemoração do «Mês da Imprensa Sindical» terá lugar com uma exposição de jornais das entidades sindicais, de empresas e setores profissionais, dia 19 próximo na Associação Brasileira de Imprensa, durante um ato público em que vários oradores discorrerão sobre o assunto.

A imprensa sindical sempre representou importante papel no movimento operário de nosso país. Nos últimos anos ela foi consideravelmente enriquecida pelo surgimento dos jornais de empresa e de setor. Estes jornais se desenvolveram no fogo da luta do proletariado pelas reivindicações econômicas, pelas liberdades democráticas, particularmente a liberdade sindical, por eleições livres, contra as intervenções do Ministério do Trabalho, pelo direito de greve, etc.

JORNAIS QUE SURGIRAM DA LUTA

Hoje, os principais setores profissionais e os trabalhadores de várias empresas possuem seus próprios jornais. Eles surgiram, muitas vezes como simples boletins mimeografados que circulavam de mão em mão. Hoje, são impressos, contêm variado material, reportagens, clichês, charges, cartas das empresas e artigos. Em torno dele se agrupam os operários de vanguarda, os líderes comprovados dos trabalhadores, os ativistas sindicais mais combativos, fazendo desses jornais instrumentos de luta pela unidade de ação da classe operária dentro dos sindicatos na luta pelas reivindicações. Afirmação de LIBERDADES, PAZ E INDEPENDÊNCIA NACIONAL

Mas os jornais de setor e de empresa não se notabilizaram apenas por constituírem fator de unidade e organização dos trabalhadores para a luta pelas reivindicações econômicas. Eles constituem instrumentos de luta dos trabalhadores pelas liberdades democráticas, pelo direito de greve, pela liberdade sindical, contra as intervenções ministerialistas nos sindicatos.

Nas páginas dos jornais de empresa e de setor profissional, se reflete sistematicamente a mais alta aspiração do proletariado — a paz. A luta pela paz mundial, pelo entendimento entre as nações, pela interdição das armas atômicas, pelo reatamento de relações di-

tão, «Orla Marítima», «O Rolo», dos tecelões, «Resistência Hoteleira», «A Voz do Mobilário», dos marceneiros, «A Turbina», dos empregados na indústria do açúcar, «A Garrafa», dos trabalhadores em bebidas, «O Servidor», do funcionalismo público e autárquico, «O Unitário», dos trabalhadores da Light, e tantos outros jornais nascidos da luta e para a luta dos trabalhadores. Os próprios trabalhadores os escre-

plômicas e comerciais entre todos os países do mundo, sempre esteve presente nas páginas dos jornais da imprensa sindical.

Todos os movimentos patrióticos pela independência nacional, contra a colonização e o saque de nossa pátria pelos imperialistas nor-

tem, eles mesmos os distribuem, eles mesmos os sustentam organizando a ajuda financeira nas empresas.

Alguns desses jornais surgiram no momento mesmo em que milhares de trabalhadores se lançavam às lutas grevistas por aumento de salário, durante as campanhas contra a assiduidade integral e outras reivindicações como o Abono de Natal, o Abono de Emergência, adicionais, etc.

te-americanos, sempre encontraram calorosa acolhida nos jornais de empresa e de setor. Papel importante desempenhou a imprensa sindical na grande participação de líderes sindicais na Convenção Pela Emancipação Nacional, no firme apoio dado pelos trabalhadores a essa histó-

A IMPRENSA SINDICAL E O 1.º DE MAIO

A constituição de uma Comissão Intersindical Coordenadora das Comemorações de 1º de Maio é o resultado da luta dos trabalhadores brasileiros pela sua unidade. Mais do que nunca a unidade dos trabalhadores se faz hoje necessária para a defesa das conquistas sociais do proletariado, da liberdade e da democracia, da paz e da independência nacional.

A própria vida impulsiona os trabalhadores para a unidade. Os jornais de setor e de empresa, bem como os jornais oficiais dos sindicatos, irmanam-se na luta comum pelo aumento de 100% nos atuais salários-mínimos, contra a assiduidade integral e pelo congelamento de preços na base de junho de 1953. Hoje, os jornais da imprensa sindical se batem unanimemente contra a famigerada portaria 20, que visa sufocar a liberdade sindical e reconduzir os sindicatos à direção do Ministério do Trabalho e do pa-

ca reunião dos patriotas brasileiros para traçar um programa de ação comum pela independência da Pátria.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Ao mesmo tempo que lutam pela unidade da classe operária de nosso país em torno da Confederação dos Trabalhadores do Brasil e das Unões Sindicais, prestigiando a «Gazeta Sindical», os jornais de setor e de empresa pugnam pelo reforçamento da solidariedade internacional dos trabalhadores. A organização de delegações representativas dos trabalhadores brasileiros aos congressos internacionais da Confederação dos Trabalhadores da América Latina (CTAL) e da Federação Sindical Mundial (FSM), teve o firme apoio desses jornais. O caminho da solidariedade internacional dos trabalhadores e da unidade de ação indicado pelo III Congresso Sindical Mundial, é trilhado pelos jornais de setor e de empresa de nosso país. Mais reforçado se torna ainda esse propósito do proletariado brasileiro, com a iniciativa da publicação, em nosso país, da revista «O Movimento Sindical Mundial», da FSM que se orienta por uma política de paz e entendimento entre as nações, reforçando a unidade da classe operária para a conquista desse supremo objetivo bem como da elevação do nível de vida material e cultural dos trabalhadores.

tronato reacionário. Hoje, mais do que nunca, os trabalhadores organizados e suas entidades são chamados a formar na grandiosa luta pela paz e pela independência nacional e contra a colonização de nossa pátria pelos incendiários da guerra atômica.

No Distrito Federal, jornais como «Orla Marítima» e «Resistência Hoteleira», estão patrocinando iniciativas dentro das comemorações do «Mês da Imprensa Sindical» tais como a organização de concurso para a escolha da Rainha dos Trabalhadores. Os jornais da imprensa sindical de mais de 20 entidades sindicais do Distrito Federal que fazem parte da Comissão Intersindical, apoiam calorosamente as comemorações programadas.

Por todos esses motivos, os trabalhadores apoiam o «Mês da Imprensa Sindical» e os trabalhos da Comissão Intersindical, nos preparativos para uma comemoração condigna do Dia Internacional do Proletariado.

8 DE SETEMBRO

UNITÁRIOS OPERÁRIOS DE RIO TINTO
ANO I — Rio Tinto, Dezembro de 1952 — Número 1

Abono de Natal

Contrário

Confederação das Malhas

Eletrô

TEXTEIL

A GARRAFA

Atividade Social

TURBINA

BUSSOLA

BOLETIM DO SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA GRÁFICA DO RIO DE JANEIRO
SEDE PRÓPRIA, AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, Nº 529 - 9º AND. (EDIF. AQUITANIA) — TEL. 24.11.11

VOZ DO GRÁFICO

Rio. 17-4-1954 — VOZ OPERÁRIA — Pag. 9

Sobre o Programa do PCB

LUIZ CARLOS PRESTES

Trecho do informe apresentado ao Pleno de dezembro de 1953 do C.C. do P.C.B.)

O novo projeto de Programa coloca nosso Partido diante de tarefas imensas que exigem uma grande iniciativa de todos os militantes, assim como uma capacidade de direção cada vez mais ampla e mais eficiente em todos os escalões do Partido. Mas ganhar as massas para o novo Programa do Partido é, simultaneamente, avançar no caminho da organização da mais ampla frente democrática de libertação nacional. Uma coisa é inseparável da outra. Essa frente-única anti-feudal e anti-imperialista — como afirma o projeto de Programa — «será a garantia da salvação do Brasil, a única força capaz de implantar no país o regime democrático-popular, de arrancar o Brasil da dominação americana e da situação humilhante em que se encontra, a única força capaz de conduzir a nossa pátria a um futuro feliz e radioso.»

Para avançarmos no caminho da frente democrática de libertação nacional, precisamos lutar pela unidade de ação em todos os terrenos, por ampliar e fortalecer as organizações de massas já existentes. As organizações do Partido e cada comunista devem tomar, com audácia, a iniciativa de agrupar nas fileiras da frente democrática todas as pessoas que por uma ou outra causa estão contra o imperialismo norte-americano, contra o governo de Vargas e sua política de preparação para a guerra, de traição nacional, de fome e reação policial contra o povo. Partindo sempre de um exato conhecimento das opiniões e reivindicações das diversas camadas da população, cabe aos comunistas saber indicar o caminho justo para resolver cada problema do povo e colocar-se, sem vacilações, à frente do povo na luta pela satisfação de suas necessidades. Compreender a importância e a necessidade da frente-única e colocar o Partido em seu verdadeiro papel de vanguarda, não confundindo com a frente-única — são dois requisitos indispensáveis ao sucesso de nossos esforços no sentido de unir e organizar as massas. Pouco temos avançado até agora no terreno da organização das grandes massas, porque, de um lado, ainda são muito vivazes entre nós as tendências ao espontaneísmo e, de outro, a fazer, na prática, das organizações de frente-única organizações legais do Partido. A unidade de ação e a frente-única de massas não surgirão espontaneamente e só prosperarão na medida que os comunistas saibam dar exemplos de espírito democrático, abolindo quaisquer métodos de imposição. Para isso é necessário ter confiança nas massas e na verdade científica das soluções que apresentamos.

Só através de um trabalho cotidiano e sistemático, dirigindo efetivamente a luta pelos interesses imediatos das massas, utilizando as menores manifestações de protesto das massas operárias e camponesas, da intelectualidade, da pequena burguesia e da burguesia nacional, é que conseguiremos criar a ampla frente democrática de libertação nacional, desmascarar o governo de Vargas e todos os demagogos a serviço dos imperialistas norte-americanos, ganhar a maioria da classe operária, desenvolver a aliança operário-camponesa e, sob a direção da classe operária, levar o nosso povo, todas as forças progressistas e libertadoras do país, aos combates decisivos pelo poder democrático popular no Brasil.

Só com suas ações concretas poderá nosso Partido demonstrar às grandes massas populares que é na verdade um Partido de patriotas, de lutadores pela libertação nacional do jugo imperialista. Devemos demonstrar na prática, convencer ao povo brasileiro que só o nosso Partido pode salvar o país, que só o nosso Partido pode efetivamente resolver os graves problemas nacionais e dirigir as transformações radicais econômicas e sociais que reclamam os supremos interesses da nação.

Precisamos, portanto, não abandonar, por um instante sequer, a luta que vimos travando pelo fortalecimento de nosso Partido, quer dizer, pelo seu crescimento numérico, através de um recrutamento sistemático e organizado, e pela elevação constante do nível político e ideológico de seus quadros e militantes.

O Projeto de Programa do P.C.B. E a Aliança Operário - Camponesa

LUIZ GHILARDINI

A importância da aliança operário-camponesa já foi teórica e praticamente, suficiente demonstrada. Esta aliança foi a força fundamental nas duas maiores revoluções da história: a Grande Revolução Socialista de Outubro e a Grande Revolução Chinesa. Em sua obra «Sobre os Fundamentos do Leninismo», Stálin diz que o problema camponês é um dos problemas mais palpitantes do leninismo e, esquecê-lo é sinal de traição direta ao marxismo. «Quem marcha para o poder e se prepara para ele, diz Stálin, não pode deixar de interessar-se pelo problema dos verdadeiros aliados.»

Sendo o Brasil um país semi-colonial, cuja imensa maioria da população vive no campo, compreende-se facilmente a importância que possui para a nossa revolução o problema camponês. Em nosso país, «a vitória das forças patrióticas — diz Prestes — só será possível se elas se unirem em ampla frente única anti-imperialista e anti-feudal, em ampla frente democrática de libertação nacional, que se baseie na aliança dos operários e camponeses, força principal e indestrutível da revolução brasileira.»

O leninismo ensina que para forjar a aliança entre a classe operária e o camponado é necessário que o partido do proletariado adote um justo programa agrário. Daí a importância de que se reveste a parte agrária do projeto de Programa do P.C.B.

É justa a política agrária preconizada pelo projeto de Programa? Sim. É inteiramente acertada. Baseando-se numa análise científica, marxista-leninista, da realidade objetiva existente no campo em nosso país, o projeto de Programa contém reivindicações que impulsionarão a luta de classes no campo, integrando na revolução brasileira a imensa maioria das massas camponesas.

A execução das medidas previstas no item 37 do projeto de Programa conduzirão ao predomínio no país da pequena propriedade da terra e, por conseguinte, da exploração agrícola em pequena escala. No entanto, o objetivo final do P.C.B., é a construção do socialismo, e isso não será possível sem a grande agricultura coletiva mecanizada. Lénin já ensinava que, com exploração agrícola em pequena escala, o camponês nunca sairá da miséria. Ela é menos vantajosa não só comparada com a grande agricultura coletiva, socialista, mas também com a grande fazenda capitalista.

Não representará então o projeto de Programa um passo atrás com relação à situação existente, não estará mesmo em contradição com o leninismo?

Não. Os responsáveis pela elaboração do projeto de Programa abordaram esta questão dialéticamente e aplicaram o marxismo ao caso concreto, brasileiro, levando em consideração o estágio em que se encontra o modo de produção no campo e tendo em vista a formação

da aliança entre o proletariado e o camponado no interesse do desenvolvimento da revolução.

Atualmente, no campo, em nosso país, os instrumentos de trabalho a terra são ainda primitivos, sendo pouco empregados os tratores e outras máquinas; as relações de produção predominantes são semi-feudais e não capitalistas. Em seu trabalho «O problema agrário na Rússia nos fins do século XIX» Lénin ensina que estimular a pequena propriedade da terra é reacionário, atrasa a revolução social, desorienta e desvia a luta de classes, somente caso se dirija contra a grande fazenda capitalista. Mas quando se dirige contra o feudalismo o estímulo à pequena propriedade dá impulso ao desenvolvimento da luta de classe e faz avançar a revolução.

A grande fazenda capitalista encontra-se no fim da fase capitalista de desenvolvimento das forças produtivas. Emprega moderna maquinaria agrícola e trabalho assalariado. Nela a produção já é social. É um sistema já maduro para relações de produção socialistas, enquanto que a pequena propriedade sucede à forma feudal de propriedade da terra, encontra-se no início da fase capitalista de desenvolvimento das forças produtivas e o favorece.

De acordo com a dialética materialista marxista os fenômenos devem ser estudados, em cada caso concreto, sob seus múltiplos aspectos, na interrelação que une uns aos outros e em seu movimento e desenvolvimento, e não isoladamente, imóveis e imutáveis.

Assim, não podemos também encarar o problema agrário apenas sob o aspecto das vantagens econômicas. Isto é: já que a exploração agrícola em grande escala é a mais vantajosa, passemos das explorações latifundiárias semi-feudais e das pequenas fazendas dos camponeses pobres e médios, para a exploração em grande escala, seja ela a grande agricultura coletivizada, de tipo socialista ou, uma vez que o futuro governo democrático de libertação nacional não tocará nas bases do capitalismo, a grande fazenda capitalista.

Diga-se de passagem que, nos debates pela imprensa, já houve quem manifestasse, em essência, esse ponto de vista errôneo.

Isso significa querer substituir as leis da economia política pelas leis dos homens. Seria uma forma metafísica, e não dialética, de abordar o problema e não nos conduziria à formação da aliança operário-camponesa. Não se pode fechar os olhos ante os aspectos mais importantes da questão, tais como o nível em que se encontra o desenvolvimento das forças produtivas e os elementos que constituem as relações de produção no campo, isto é, a forma de propriedade dos meios de produção, principalmente da terra; a posição dos diferentes grupos sociais na produção e sua relação mútua; a forma de distribuição do produto do trabalho

e, em decorrência dessas fatores, o que não é menos importante: como pensam as massas camponesas.

Os fenômenos sociais desenvolvem-se de acordo com leis objetivas, independentemente da vontade dos homens, percorrendo etapas historicamente determinadas. As forças de vanguarda podem, com a sua atividade consciente, acelerar esse desenvolvimento, mas não podem fazê-lo saltar etapas.

Não se pode passar das explorações agrícolas dos latifundiários e dos camponeses pobres e médios para a grande fazenda capitalista. Esta última exige um modo de produção capitalista já desenvolvido. A grande fazenda capitalista chega-se pelo desenvolvimento do capitalismo, que vai concentrando a terra em grandes propriedades através da ruína dos pequenos proprietários, o que pressupõe, portanto, a existência da pequena propriedade. Este é um processo longo e doloroso que o futuro governo democrático de libertação nacional não permitirá, pois o regime democrático popular não destruirá o capitalismo mas o limitará, tanto na indústria como na agricultura. Sob o regime democrático-popular, a medida que as forças produtivas forem se desenvolvendo irão sendo encaminhas para as formas socialistas de economia. Por outro lado, passa a situação existente atualmente no nosso campo para a grande agricultura coletiva seria saltar toda a etapa capitalista de desenvolvimento. Este salto não é possível. As forças produtivas não estão suficientemente desenvolvidas. Não temos no país a indispensável poderosa indústria pesada construtora de máquinas e, em decorrência da infraestrutura social existente no campo, o estado de espírito das massas camponesas não é favorável à coletivização da agricultura.

Evidentemente, ao elaborar o projeto de Programa o C.C. do P.C.B. procurou aprender com a rica experiência do glorioso P.C.U.S. e dos P.P. C.C. das democracias populares. Essa experiência nos ensina que é possível coletivizar a agricultura apesar da pequena propriedade, mas não sem re-educar o camponado.

Nas democracias populares leva-se à prática a coletivização mantendo-se a pequena propriedade, tão forte é ali a tradição da propriedade da terra entre os camponeses.

Na velha Rússia czarista, pelo contrário, não havia tradição da propriedade da terra entre os camponeses, o que tornou possível a Grande Revolução Socialista de Outubro nacionalizar toda a terra. Isto iria, mais tarde, facilitar a coletivização, mas, tendo em conta o individualismo das massas camponesas o governo soviético não adotou imediatamente tal medida. Se o fizesse romperia a aliança com os camponeses, lançaria estes nos braços dos inimigos da revolução, pondo-a em perigo. Assim, o número das pequenas fazendas individuais, que antes da revolução era de 15 a 16 milhões, segundo nos conta Stálin no seu trabalho «No front do trigo», longe de diminuir aumentou e, em 1928, era de 24 a 25 milhões. Somente em 1934, após um

zongo, árduo e paciente trabalho de esclarecimento levado a efeito pelo Partido e pelo Governo, e de demonstração, na prática, aos camponeses, das vantagens da coletivização, foi esta completada.

Em seu artigo, «Resposta aos camaradas colosianos», Stálin nos ensina que é um princípio leninista não adiantar-se nunca ao estado de espírito das massas, não querer impor-lhes medidas avançadas para as quais ainda não se encontram amadurecidas, mas sim facilitar-lhes que pela própria experiência se convençam da necessidade das medidas propostas.

Onde as relações de produção, no campo, são capitalistas, os trabalhadores da terra são predominantemente agrícola, cuja mentalidade está mais próxima da do proletariado citadino e são, portanto, mais aptos para aceitar as transformações socialistas na agricultura. Onde essas relações são semi-feudais, os trabalhadores da terra são, em sua esmagadora maioria, camponeses que trabalham à meia, à terça, etc. Muitos possuem um pequeno pedaço de terra, insuficiente para o sustento de sua família, motivo pelo qual se vêem obrigados a arrendar mais terra dos latifundiários, que se aproveitam para explorá-los cada vez mais. O sonho desses camponeses é possuir a sua própria terra, livre da exploração dos latifundiários. Atendendo às suas aspirações, o Programa impulsionará a luta de classes no campo, fortalecendo, assim, a revolução. Por isso, como diz Prestes no seu Informe sobre o projeto de Programa: «Tendo em conta o estado de espírito das massas camponesas, que desejam a posse da terra, que são favoráveis à distribuição da terra em propriedade privada, o projeto de Programa não levanta o problema da nacionalização da terra, limita-se à confiscação das grandes superfícies de terra pertencentes aos latifundiários e sua distribuição gratuita entre os camponeses sem terra ou possuidores de pouca terra e a todos que nelas queiram trabalhar». O projeto de programa visa a formação da aliança operário-camponesa partindo do quadro da situação atual, deixando para mais tarde as transformações socialistas na agricultura. No processo da aplicação do Programa, principalmente com o desenvolvimento do cooperativismo, o proletariado, através de um trabalho paciente de esclarecimento, irá influenciando habilmente sobre o seu aliado e educando-o para as futuras transformações no campo, que serão objeto de outra etapa da revolução.

O projeto de Programa procura atrair para a luta anti-feudal e anti-imperialista também os camponeses ricos aos quais garante as propriedades contra qualquer violação. Isto ampliará ao máximo a frente única no campo, isolando completamente o principal inimigo, o latifundiário.

Mas a execução dos itens 38 e 39 do Programa pressupõe a luta de classes contra o camponês rico. O Programa garante-lhe as propriedades mas não lhe garante os métodos semi-feudais de exploração que porventura empregue, nem os miseráveis salários que possa

(Conclui na 2ª Página)

PRIMEIRO DE MAIO DE UNIDADE E DE LUTA

Preparam-se os trabalhadores brasileiros para comemorar o 1º de Maio, a grande data internacional do proletariado.

Muito antes de se tornar oficialmente a Jornada Internacional de Luta da Classe Operária, o Primeiro de Maio já se tinha assinalado como um dia de combate e certeza na vitória dos trabalhadores. Os operários de Chicago, enfrentando a feroz burguesia norte-americana na luta pelas oito horas de trabalho, foram traiçoeiramente atacados na manifestação de 1º de Maio de 1886. Inúmeros operários foram presos, torturados, condenados à morte. O proletariado internacional não esquece os nomes dos quatro mártires de Chicago: Parsons, Spies, Fischer e Engel.

No dia 14 de julho de 1889, no centésimo aniversário da queda da Bastilha, o Primeiro de Maio foi consagrado como data mundial dos trabalhadores, no Congresso da Internacional Socialista. Desde então, os trabalhadores de todos os países fizeram do Primeiro de Maio a sua jornada de luta pelas reivindicações e de solidariedade internacional.

Também o proletariado brasileiro soube erguer, desde que surgiu na arena histórica de nossa pátria, a bandeira gloriosa do Primeiro de Maio, desfaldando junto com seus irmãos de todos os países a mesma bandeira de luta e de libertação.

Neste ano de 1954, os trabalhadores brasileiros, como seus irmãos do mundo inteiro, preparam-se para comemorar o Primeiro de Maio sob o lema da gloriosa Federação Sindical Mundial:

UNIDADE EM DEFESA DOS INTERESSES VITAIS DA CLASSE OPERÁRIA!



É no curso de uma grande luta contra a exploração e pelas liberdades que os trabalhadores brasileiros festejarão este Primeiro de Maio.

Amplia-se e consolida-se cada vez mais a união dos trabalhadores pelos novos níveis do salário mínimo e pela sua extensão aos operários agrícolas.



Diante das manobras do governo anti-operário de Vargas esta unidade se dispõe para grandes combates. O Primeiro de Maio será uma jornada para impulsionar a luta unida dos trabalhadores das cidades e dos campos pelos novos níveis do salário mínimo!

Os operários cerram fileiras na luta por aumento geral de salários, contra a desumana e crescente exploração. O Primeiro de Maio será uma jornada de ação unida e combativa por aumento de salários!

Os trabalhadores desfaldam e levam adiante a bandeira de combate à carestia. O Primeiro de Maio será uma jornada de unidade pelo congelamento dos preços!

O proletariado ergue-se como um só homem contra as violações fascistas das liberdades democráticas, une suas forças em defesa da liberdade sindical diretamente visada pela portaria nº 20. Este Primeiro de Maio será uma jornada unitária em defesa da liberdade sindical, contra a portaria 20!

A classe operária ergue sua revolta e indignação contra as intervenções ministerialistas nas suas organizações sindicais, contra as anulações de elei-

ções e a imposição de testa-de-terra policiais do governo anti-operário de Getúlio nas direções sindicais. Este Primeiro de Maio será uma jornada de combate e união pela autonomia sindical!

Os trabalhadores lutam contra a extorsão de um dia de seus salários para o imposto sindical e não querem mais permitir a corrupção e dilapidação do Fundo Social Sindical, exigem que o imposto sindical reverta integralmente para as caixas dos seus sindicatos. Este Primeiro de Maio será uma jornada de unidade pela entrega do imposto sindical para os sindicatos, seus legítimos donos!

Os operários sempre ergueram bem alto a bandeira da luta pela manutenção da paz, pelas liberdades democráticas, pela libertação de nossa pátria do jugo escravizador dos imperialistas norte-americanos. Este Primeiro de Maio será uma jornada de luta e de ação contra os «gangsters» ianques e seus lacaios, que querem arrastar-nos à guerra, que violam e esmaçam as liberdades democráticas e transformam rapidamente nossa pátria numa colônia americana!

**Façamos Deste 1.º de Maio
Uma Grandiosa Demonstração
De Unidade e de Luta
Da Classe Operária**

- ★ INTENSIFIQUEMOS A LUTA NAS FÁBRICAS, USINAS, FAZENDAS E ESCRITÓRIOS PELAS REIVINDICAÇÕES ECONÔMICAS E POLÍTICAS DOS TRABALHADORES!
- ★ CONVOQUEMOS ASSEMBLÉIAS EXTRAORDINÁRIAS NOS SINDICATOS E DEMAIS ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS.
- ★ PROMOVAMOS ATOS DE UNIDADE COM A PARTICIPAÇÃO DE OPERÁRIOS DE TÔDAS AS TENDÊNCIAS POLÍTICAS E CONVICÇÕES RELIGIOSAS.
- ★ REALIZEMOS PALESTRAS NOS LOCAIS DE TRABALHO, COMÍCIOS, CONFERÊNCIAS E DEBATES EM TÔRNO DA GRANDE DATA.
- ★ LANCEMOS VOLANTES E BOLETINS; FAÇAMOS INSCRIÇÕES MURAIS SAUDANDO O PRIMEIRO DE MAIO.
- ★ EDITEMOS NÚMEROS ESPECIAIS DOS ÓRGÃOS DA IMPRENSA SINDICAL.

O Governo Vargas, Esse Fabricante de Carestia

Em cada Cr\$ 1.000,00 de despesa, Cr\$ 250,00 vão para o governo sob a forma de impostos — A quarta parte da renda nacional sob o controle dos algozes do povo e lacaios dos americanos

De cada mil cruzeiros que um brasileiro gasta para a manutenção de sua família 250 cruzeiros vão diretamente para as mãos do governo. A tanto se elevam os impostos arrancados pelo governo, que é denunciado assim como um dos maiores causadores e beneficiários da carestia da vida. A denúncia foi feita da tribuna da Convenção Pela Emancipação Nacional e foi documentada e comprovada com dados e fatos concretos, com estatísticas e declarações oficiais.

Analisemos de perto o mecanismo dessa extorsão.

Nas mãos do governo, um quarto da renda nacional

Difícilmente se encontrará um exemplo que deixe para trás a rede de impostos existente no Brasil. Nosso povo é um povo bloqueado de impostos. Cada passo está sob a pisa dum complicado e insaciável sistema de sacorcha.

As coisas estão arrumadas de tal maneira que, se a minoria de ricos encontra brechas e pode manobrar como se vê na sonegação do imposto de renda pelos grandes capitalistas e pelas empresas americanas, a grande e esmagadora maioria da população não tem escapula — está cercada e paga mesmo. Porque as migalhas que chegam à boca de milhões de brasileiros passam antes, obrigatoriamente, pela barreira dos impostos. No Brasil existe o imposto de consumo, de vestir, etc. E o imposto de consumo.

Em resumo, pagamos imposto para viver. O imposto de consumo tem dois nomes, conforme é arrancado pelos governos estaduais ou pelo governo federal. Quando o dinheiro é diretamente controlado por Getúlio, chama-se imposto de consumo puro e simplesmente. Em 1953, os brasileiros pagaram 16 bilhões de cruzeiros de imposto de consumo. Quando o dinheiro é tomado aos consumidores pelos governos estaduais, recebe o nome de «vendas e consignações». Cada vez que uma coisa é vendida paga esse imposto, que se acrescenta ao seu preço de venda. Como há no mínimo três transações para a maioria dos produtos antes que eles cheguem às mãos do consumidor, os cálculos mais moderados dão um mínimo de acréscimo de 8% ao preço das utilidades. Em 1953, o povo brasileiro pagou 13 bilhões e 500 milhões de cruzeiros de imposto de vendas e consignações.

Existem ainda outros numerosos impostos que os limites duma simples reportagem

permitem apenas citar: imposto de importação, de selo, taxas de estatística, de classificação, imposto predial, de licença, de indústrias e profissões, cobrados pelos Estados e Municípios. Outro tipo de impostos é arrecadado através das autarquias, como, por exemplo, os Institutos de previdência social e as caixas que descontam de 5 a 8% dos salários como as autarquias chamadas de «Intervenção econômica», os Institutos do Açúcar e do Alcool, do Sal, do Pinho, do Mate que cobram as mais variadas taxas e elevam continuamente o preço dos produtos. Até o Ministério do Trabalho arrecada um imposto, o famigerado imposto sindical.

Em poucas palavras: o total da receita da União, dos Estados, dos Municípios e das autarquias, em 1953, elevou-se a 110 bilhões de cruzeiros. Deste total, 75 bilhões de cruzeiros são o resultado de impostos e taxas, conforme confissão do próprio sr. Osvaldo Aranha, ministro da Fazenda de Getúlio.

De outro lado, os dados oficiais estimam a renda nacional em pouco mais de 300 bilhões de cruzeiros por ano. A renda nacional é o resultado líquido do trabalho dos brasileiros num ano e a estimativa acima calcula a renda na base do total de todos os salários, lucros, juros e aluguéis.

São, pois, 75 bilhões de impostos para uma renda nacional de 300 bilhões. Isto dá exatamente Cr\$ 250,00 de imposto por mil cruzeiros de despesa. O governo controla a quarta parte da renda nacional. Some-se a isso o que os americanos levam, os lucros extraordinários dos grandes capitalistas e dos latifundiários e se verá que o que sobra para o povo não é renda coisa nenhuma, é simplesmente carestia, miséria e fome.

A carestia, o melhor negócio... para eles...

Como é sabido, os impostos aumentam de ano para ano. E não aumentam só por decreto. Há outras formas de aumentar im-



postos, sendo a principal a inflação, também chamada de confisco dos salários. Um exemplo: o orçamento militar foi reduzido, isto é, a verba solicitada pelos ministérios militares foi reduzida, quando o Congresso discutiu e aprovou o orçamento. Mas o relator, cel. Macedo Soares, declarou que isso era assim mesmo, o corte voltaria depois sob forma de «verbas especiais». As coisas se passam assim: a verba «estoura», acaba no meio do ano. Mas os carregamentos de canhões, metralhadoras, tanques e outros engenhos de guerra, adquiridos em função do Acórdão Militar Brasil-Estados Unidos continuam chegando de Nova Orleans. Falta dinheiro? Então o governo de Getúlio Vargas imprime dinheiro na Casa da Moeda. Que acontece? Os preços sobem, digamos o café aumenta 18,00 em quilo e assim, o povo, através da carestia da vida, paga o valor do dinheiro que Getúlio mandou imprimir para comprar armamentos dos americanos. A inflação, isto é o confisco dos salários, a carestia e a miséria é toda uma política, portanto.

Mas, dirá alguém, o governo também é consumidor, também paga mais caro pelo que tem de comprar, também é empregador e tem de elevar os ordenados e vencimentos. Será assim mesmo? Os fatos nos dizem que não.

A realidade é que, segundo estatísticas oficiais, de 1946 a 1952, os preços dos gêneros aumentaram em 131% e os salários em 87%. Isto quer dizer que o aumento dos lucros do governo (impostos) e dos patrões voa enquanto o aumento dos salários e vencimentos se arrasta. Para aumentar os impostos basta um decreto, para que subam os preços é suficiente uma reunião da COFAP. Mas para que os salários subam um mínimo é preciso que se travem duras e prolongadas lutas. Além disso, a Light, por exemplo, chegou ao cúmulo de aumentar seus lucros fabulosos a pretexto de... aumento de salários. Seu exemplo é seguido pelas companhias de ônibus, pelos usineiros de açúcar, etc.

Vemos assim que há um intervalo muito grande — e que não é maior devido à luta da classe operária e do povo — entre cada aumento do custo da vida e os ridículos aumentos de salários e vencimentos. No intervalo, aumentam os lucros dos patrões e sobe o volume dos impostos pagos ao governo. Quando vem o aumento de salário, eles já estão com a burra chela.

Assim fica bem claro que o governo utiliza a carestia para aumentar o montante dos impostos, que a carestia é igualmente o melhor negócio atualmente existente para os monopólios americanos e para os grandes capitalistas associados aos americanos. Quando eles fazem um «aumento» a propósito para combater a inflação não se resistem à produção de gêneros alimentícios (que deixamos apodrecer em Minas, no Paraná, etc.) mas à «produção» de dinheiro sem valor (inflação) e de impostos crescentes.

Que nos dá o governo em troca dos impostos?

Esse dinheiro é empregado em despesas de guerra, na manutenção de espíões americanos, em negociatas escandalosas, em obras para proveito dos saqueadores lanques de nossas riquezas.

O Brasil tem 50 milhões de cabeças de gado, mas o consumo de leite é um dos menores do mundo e nos tocam apenas 180 gramas de carne por pessoa. Em plena Capital da República o povo passa sede, a rede de esgotos está rebentando em todas as partes. De seis milhões de crianças em idade escolar nem a metade consegue matricular nas escolas. De dois em dois minutos morre uma criança no Brasil.

O povo brasileiro não deseja continuar sustentando seus algozes, não admite mais que um governo de parasitas e traidores continue impunemente a reduzi-lo à fome e à miséria e o condene à escravidão do jugo americano. O governo Vargas é um dos principais autores e beneficiários da carestia. Para acabar de fato com a carestia, é preciso riscá-lo do mapa.

Conselho de Americana, Conselho de Madrasta!

Depois de expor o quadro dramático da carestia da vida no Brasil e analisar suas causas, uma das teses da Federação de Mulheres de Brasil à Convenção da Emancipação Nacional nos diz:

«É agora que conhecemos a causa da carestia, devemos cruzar os braços? Devemos esperar que a situação se torne cada vez mais insustentável? Ou quem sabe, nós, mulheres, devemos seguir e conselho da sra. Ethlin Holt, eleita «mãe do ano» nos Estados Unidos. Essa senhora, em visita ao Brasil, declara aos jornais que, para ser boa mãe, a mulher deve limitar o número de filhos. Esta é a mãe-modélica americana. Apenas uma ressalva: a sra. Holt não é mãe, segundo ela mesma declara, e sim madrasta. Não, nós não seguiremos o conselho dessa madrasta. Com isso não diminuiríamos a carestia, a miséria e a fome em nossa terra.

Precisamos de medidas urgentes para deter a carestia. Para isso, a Federação de Mulheres de Brasil propõe:

1 — O imediato congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade.

2 — A aprovação dos níveis salariais fixados pelas Comissões de Salário-Mínimo.

3 — A denúncia de todos os acordos lesivos aos interesses do Brasil.

4 — O desenvolvimento e incremento da indústria nacional através de relações econômicas com todos os países que ofereçam condições favoráveis.



Os preços são proibitivos. As donas de casa não conseguem equilibrar o orçamento doméstico por mais «cortes» que façam.

OFELIA DO AMARAL

O Papel da Intelectualidade Na Revolução Brasileira

RIVADAVIA MENDONÇA

NO SUPLEMENTO de um dos últimos números da VOZ OPERÁRIA, foi publicado mais um artigo do camarada Fernando Lacerda, visando contestar os justos e claros ensinamentos sobre o papel da intelectualidade brasileira em face do Programa do P. C. B., que foram estampados na seção especializada da "Imprensa Popular", de 23 de fevereiro passado.

Revelando nenhuma compreensão a respeito desse papel da intelectualidade, como camarada, e, por isto mesmo, da força que ela representa na luta de libertação nacional, o camarada Fernando Lacerda vê os intelectuais individualmente, depois de selecionar alguns como "da esquerda", atribuindo a Stalin e ao próprio Programa a razão dessa seleção. Quanto ao texto da obra de Stalin, onde tal coisa teria sido dita, Lacerda não cita e não dá a mínima referência. Onde, quando, a propósito de que situação teria Stalin apontado os "intelectuais de esquerda", como únicos da camada com possibilidades de participação em lutas como a de libertação de nossa Pátria? Quanto ao projeto de Programa do Partido, verificamos que é ainda mais surpreendente a afirmação do camarada F. Lacerda, porque o histórico documento programático não faz a mínima menção a "intelectuais de esquerda", antes registra a expressão **intelectualidade brasileira** ou então **intelectuais patriotas**, o que me parece significativamente diferente.

Afirma também Fernando Lacerda que o trabalho da seção especializada da "Imprensa Popular" atribui aos intelectuais a missão de ensinar o marxismo aos operários e usa isto para desenvolver quase toda a argumentação divergente do seu artigo. Acontece porém que a resposta da "Imprensa Popular" aí está, legível e muito clara, e por ela constatamos que é inteiramente inverídica a

afirmação do camarada Lacerda sob o assunto, pois na verdade tal coisa não foi afirmada na seção por ele citada. Assim é inexistente o principal pretexto, mero pretexto aliás, usado por Fernando Lacerda para manifestar mais uma vez a sua divergência com o Programa do P. C. B.

Lendo na "Imprensa Popular" que "...cabe aos intelectuais a importante missão de, colocando-se a serviço do povo, contribuir para a educação e o esclarecimento político das grandes massas, levando-lhes os conhecimentos científicos de que são portadores, bem como as idéias e concepções progressistas e revolucionárias que podem adquirir", Fernando Lacerda traduz tais palavras tão claras para coisa completamente diferente, ao afirmar que no nosso jornal diário "...se diz ali que os intelectuais — e não fala em intelectuais de esquerda somente... — valem muito PORQUE ENSINAM O MARXISMO AOS OPERÁRIOS!!" (As letras maiúsculas e as exclamações são do camarada Fernando Lacerda).

Com tal método de discordar, fica patente que camarada Lacerda está fora da realidade e verdadeiramente sua divergência é mais profunda: é com o próprio Programa do Partido, como já está claro através de toda a sua abundante colaboração. Sua contribuição não visa ajudar e sim confundir. Ele não quer que o trabalho para a frente-única com a intelectualidade parta do nível em que se encontra a média geral dessa camada, visando objetivos comuns amplos, como seja a defesa da cultura nacional, em cuja existência ele não acredita muito, tanto que prefere ressaltar essa defesa como errônea "volta ao passado".

F. Lacerda não compreende que o imperialismo norte-

americano para atingir todos os seus objetivos de colonização de nossa terra procura destruir ou pelo menos limitar ao mínimo tudo aquilo que segundo a sábia definição de Stalin, caracteriza a nação. Por isto os imperialistas dominam a economia nacional, impedindo o seu desenvolvimento independente, corrompe e avilta a cultura nacional, obstando seu florescimento, e assim barra a formação do nosso povo como nação. A cultura é assim elemento importante na luta libertadora. Seu patrimônio que é rico e caracteristicamente nacional deve ser preservado e posto ao alcance e a serviço do povo. Esse trabalho, é o primeiro passo.

E' por isto que o Congresso Nacional de Intelectuais de Goiânia procurou dar esse primeiro passo criando os meios práticos para a união dos intelectuais brasileiros em torno de objetivos amplos, como a preservação e florescimento da cultura nacional, intercâmbio cultural com todos os povos e defesa dos interesses éticos e profissionais dos intelectuais. Com este mínimo, estará aberto o caminho para se mobilizarem milhares de homens de cultura, isolando-se apenas um pequeno grupo de serviços e assalariados dos imperialistas norte-americanos e de seus agentes e aliados internos. A realidade mostra a todos nós, que poderemos seguir o caminho para elevar sempre a luta conduzindo a intelectualidade a cumprir a sua missão como força a serviço da libertação nacional, juntando-se à aliança operário-camponesa e contribuindo para realizar as profundas transformações previstas pelo nosso Programa, nesta etapa da revolução brasileira, de caráter anti-imperialista e antifeudal.

Fernando Lacerda no entanto não está de acordo com isto. Deveríamos mobilizar somente os "intelectuais

de esquerda" para uma frente-única que logo de cara devia apelar para "os processos de lutas populares de rua, de massas, expulsando do Brasil os gringos americanos que pretendem anular ou deturpar nossa cultura", etc. etc.

Vê-se que o camarada Lacerda não quer trabalho paciente e adequado às condições do meio e da própria camada intelectual. Ele não deseja esforço laborioso para a unidade da intelectualidade patriótica, como caminho que conduzirá à frente-única.

A realidade está obscura para Fernando Lacerda e apesar disso passa a deitar receitas pomposas, na base de uma fraseologia revolucionária.

Encontramos em Goiânia intelectuais que, acatando empreender conosco franca e com todos os povos e defesa da cultura nacional, viam essa luta apenas na base de preservar velhos monumentos da arquitetura da época colonial e que estão sendo demolidos para dar lugar, por exemplo, a uma base naval norte-americana; ou para combater somente, ainda que de modo vigoroso, as histórias em quadrinhos dos sindicatos distribuidores lanques, que já causaram tanto dano à nossa infância e juventude; outros se ligaram a nós apenas para pugnar pela liberdade de pesquisas científicas, impedidas pelo interesse atômico dos norte-americanos; outros ainda, querem somente exibir filmes nacionais na U.R.S.S. e nas Democracias Populares, importando de lá filmes virgens e materiais técnicos cinematográficos, ajudando com isto a defesa da indústria nacional. Não devíamos marchar com eles nesses problemas específicos?

Como esses homens de cultura não são "intelectuais de esquerda", segundo o camarada Lacerda, deveríamos correr com eles de Goiânia... (Conclui na 2ª Página)

O camarada Zamir, na VOZ OPERÁRIA n. 524, levanta uma questão para que todo o Partido a discuta. É a questão das bases femininas, bastante oportuna, principalmente agora, quando se realiza o IV Congresso do Partido.

Não foi muito convincente o argumento de Zamir contra a existência das bases femininas.

Sente-se mesmo que o camarada não está seguro em suas afirmações.

No entanto, como sei que há alguns adeptos da destruição das bases femininas, alguns por oportunismo, outros por incompreensão e outros, ainda, por não confiarem na capacidade da mulher, acho que devemos combater essa tendência e entro no debate com o objetivo de contribuir para esclarecer este problema de organização de nosso Partido.

Acho que devem continuar a existir as bases femininas. Por quê?

Os motivos pelos quais elas foram organizadas ainda não deixaram de existir. São aqueles citados pelo camarada Zamir e mais este: as bases femininas foram organizadas para realizar um trabalho de massas específico.

De um modo geral, em nosso Estado, elas têm desempenhado mais ou menos suas tarefas. Ali onde receberam a necessária atenção dos CC.DD., podemos afirmar — à base de experiência concreta, os frutos foram ótimos.

O camarada Zamir faz algumas perguntas procurando com elas criar uma base para sua argumentação. Não sei onde atua o camarada, mas, se, as respostas às perguntas feitas por ele são negativas, então posso afirmar que ali jamais houve atenção para com as bases femininas e que o nível do Partido no local vai mal.

Vamos, no entanto, responder às perguntas, apoiados na experiência que temos de seis anos de trabalho.

A respeito do recrutamento Stalin, quando o plano já ia a meio, neste Estado, foi que a Comissão Feminina trouxe um plano, a nosso ver defensivo, para o recrutamento nas bases femininas. E o plano foi cumprido em mais de 500 por cento. Isto chamou a atenção da direção do Partido, que até então não havia dito quantos pontos valia o recrutamento de mulher.

Dessa data em diante, passou-se a planificar com mais audácia o recrutamento de mulheres e a estruturação de novas bases.

Como resultado, as bases femininas ganharam o prêmio de emulação ao encerrar-se o plano Stalin.

Não obstante isto, constatou-se no balanço do Plano Stalin que, na última etapa, em relação à penúltima, havia dobrado o recrutamento de mulheres, o que porém não nos podia satisfazer. Se o recrutamento ia mal, isto se devia a uma questão ideológica, ligada ao baixo nível do conjunto do Partido, sobretudo à falta de atenção para com as bases femininas, inclusive à tendência de liquidação dessas bases.

Quanto ao nível, há de fato vários fatores que impedem as mulheres de dar mais atenção à leitura, principalmente se são analfabetas, mas, é admirável o que se consegue de uma comunista quando nos voltamos com atenção e carinho para ajudá-la! Com que persistência se põe a aprender a ler e a romper com o atraso em que se encontra!

Por que é difícil não só à mulher mas a todo ser humano fixar-se num assunto que exige raciocínio?

Em primeiro lugar, devido à falta de hábito; em segundo, devido à falta de clareza e de simplicidade de quem expõe problemas complexos.

É falso que o raciocínio da mulher seja inferior ao do homem.

No movimento revolucionário internacional temos exemplos de que as mulheres são tão capazes quanto os homens.

Rosa de Luxemburgo, Clara Zetkin, Krupuskala, dentre outras tantas, e, entre nós, Olga Benário Prestes comprovam a capacidade, o espírito de abnegação e de luta das mulheres.

(Conclui na 2ª Página)

RECRUTAR EM MASSA PARA O PARTIDO

rárias e camponesas. Aí é que se encontram os operários mais combativos e dignos da condição de membros do Partido de Prestes; aí é que estão os melhores filhos do campesinato trabalhador, mais dispostos à luta contra o latifúndio e às sobrevivências feudais e porisso mesmo, pontos de apoio mais firmes, no campo, para a estruturação da aliança operário-camponesa. Estes são os setores decisivos da população brasileira — e como dizia o grande Lênin, ter forças decisivas nos pontos decisivos é meio caminho para a revolução. Daí o entusiasmo com que os comunistas se lançam na tarefa de não permitir que fique uma só grande empresa, uma grande concentração de operários ou de camponeses, sem que exista um organismo do Partido.

Nos trabalhos relacionados com o IV Congresso são discutidas, com interesse e vivacidade, as experiências colhidas pelos organismos partidários no cumprimento dos seus planos de recrutamento, inspirados no «Plano Lênin» do Comitê Central do Partido. Dentre essas experiências destacam-se aquelas consideradas de vanguarda, isto é, as experiências que resultam de iniciativas novas e mais audaciosas, imbuídas de um justo conteúdo político e ideológico e refle-

tindo a convecção pelos militantes de que, no momento histórico que atravessamos — como ensinou o camarada Stalin — é uma lei o crescimento e o fortalecimento dos Partidos Comunistas. Assimilar e generalizar as experiências de vanguarda na construção do Partido é uma condição de enorme importância para o bom êxito dos planos de recrutamento.

Uma preocupação deve estar presente em todo o trabalho de elaboração dos planos: não fazer planos burocráticos e desligados da vida, mas compreender sempre que o plano de ser uma coisa viva, deve estar impregnado de conteúdo político e ideológico, ter em vista o Programa do Partido e as tarefas políticas, refletir, enfim, a exata compreensão de que o Partido não pode funcionar para dentro de si mesmo, mas que ele existe para levar o proletariado e o povo brasileiro a se libertarem dos seus opressores e exploradores: o imperialismo norte-americano, os latifundiários e grandes capitalistas, o governo de Vargas.

As experiências reveladas quer na execução do «Plano Stalin», quer no trabalho para assegurar a vitória do «Plano Lênin», mostram ainda quanto é importante não se perder de vista a necessidade de estru-

rar, imediatamente, os novos militantes recrutados, incorporando-os às atividades das organizações de base, dando-lhes tarefas concretas e bem definidas. Não se pode tolerar que os novos recrutados, que ingressam no Partido porque querem lutar, porque anseiam ver transformado em realidade o Programa do P. C. B., fiquem um longo período desligados dos organismos, sem que lhes sejam atribuídas tarefas e lhes seja dada a ajuda política e ideológica necessária.

As condições existentes em nosso país favorecem, mais e mais, o recrutamento em massa para o Partido. Camadas cada vez mais numerosas de nosso povo — especialmente da classe operária — voltam-se para o Partido de Prestes, certas de que é o P. C. B. o Partido da salvação nacional. Os operários e os camponeses, assim como os jovens, as mulheres e os intelectuais mais combativos e fiéis ao povo querem lutar, não se conformam em ver o país, entregue aos imperialistas lanques e o nosso povo condenado a vegetar na pior miséria. E é o nosso Partido a única esperança e a única certeza que têm os trabalhadores e o povo brasileiros.

Abriu as portas do Partido para os melhores filhos da classe operária e do povo, recrutar milhares e milhares de novos membros para o Partido, é uma condição fundamental para que possa o Partido colocar-se realmente à altura da missão histórica que tem a cumprir.

AO ser convocado o IV Congresso do P. C. B., aparece o nosso Partido como a única e verdadeira esperança do povo brasileiro. Enquanto a todos os bandos políticos das classes dominantes é impossível ocultar a sua completa falência, o nosso Partido surge como a única força capaz de resolver os graves problemas nacionais e dirigir as transformações econômicas, sociais e políticas reclamadas pelos supremos interesses da nação. O Programa do P. C. B., à medida que se torna conhecido pelas massas, é recebido como a grande bandeira de luta pela libertação da pátria e pela salvação de nosso povo.

Esta realidade coloca o Partido diante de tarefas imensas, de responsabilidades sem precedentes. São tarefas e responsabilidades para cujo cumprimento se exige um grande e poderoso Partido — tanto pela quantidade, como pela qualidade de seus militantes.

Adquire, assim, uma significação cada vez mais elevada, a tarefa do recrutamento em massa, de milhares e milhares de novos membros para o Partido do proletariado. Nisto reside uma condição fundamental para que possa o P. C. B. cumprir a sua missão histórica.

O IV Congresso do Partido, deve inspirar, portanto, um vasto e intenso recrutamento, fundamentalmente nas grandes empresas e nas grandes concentrações ope-

PRECISAMOS LUTAR PELA APLICAÇÃO DO PROGRAMA

Lo Programa do P.C.B. e ficou convencido de que ele é a única fórmula justa para resolver a situação de todo o povo brasileiro, principalmente dos jovens.

No presente, não temos proteção ao esporte e nem educação física adequada, porque este governo nada faz nesse sentido e, quando sede em qualquer coisa, e esperando os votos, em véspera de eleição, para depois sufocar os nossos direitos.

Também não temos sequer o direito de fazer um curso, em virtude das dificuldades financeiras de nosso país. Temos, sim, é que ajudá-los no trabalho desde cedo. Se entramos na escola, logo nos vimos impedidos de estudar por falta de livros e outros materiais que estão custando caríssimo.

No campo acontece a mesma coisa. Os nossos companheiros andam desalçados, não têm escolas, nem sequer o curso primário podem fazer. Se chega a safra, sofre com toda a família a miséria consequente da entrega de todo o produto de seu trabalho ao taturá. O que sobra não alcança preço e não encontra condução para ser vendido na cidade.

Na cidade, por outro lado,

o jovem trabalha como adulto e recebe metade do salário, e vive sem garantia em seu emprego, fazendo biscoitos que não dão para viver.

Além disto, o governo dos grandes capitalistas e latifundiários ligados ao imperialismo americano, quer fazer o jogo dos seus patrões lanques, mandando a nossa juventude para as guerras que esses gringos querem desencadear. Não podemos deixar que eles façam negócio com as nossas vidas.

Precisamos lutar pela aplicação do Programa do P.C.B. que garante a Paz, o salário igual para trabalho igual, a instrução primária gratuita e obrigatória e assegurar a construção de uma rede de escolas em todo o país, a fim de acabar com o analfabetismo, assegurando ainda ao estudante o fornecimento de livros e materiais escolares pelo Estado.

Por isto é que estou de acordo com o Programa do P.C.B. e convido todos os jovens de Nova Lima e de todo o Brasil a defender todos os seus pontos e lutar para conquistar tudo aquilo que esse magnífico documento nos assegura.

a) José Guilherme Seixas
NOVA LIMA

O PROJETO DE PROGRAMA É UMA BÚSSOLA LENINISTA

O PROJETO DE PROGRAMA do Partido Comunista do Brasil, não foi uma invenção de Prestes ou do Comitê Central do P. C. B. Ele surgiu como uma necessidade inadiável nas condições históricas que atravessa o nosso país cuja sociedade já em decomposição é incapaz de resolver os problemas do povo.

O projeto de Programa é como que um facho luminoso cujos raios atingem todos os rincões do Brasil, abrindo novas perspectivas ao nosso povo para a sua libertação.

O projeto de Programa, ao mostrar a dura realidade brasileira, aponta também como necessidade inadiável e urgente a frente-única de todo o povo contra o imperialismo ianque e o regime semifeudal que impera em nossa terra. Todos os patriotas, independente de sua cor política, pontos de vista filosóficos, pequenos e médios comerciantes e industriais até a burguesia nacional têm necessidade de cerrar fileiras em torno da classe operária em aliança com os camponeses para participar da luta libertadora, contra o imperialismo norte-americano e seus serviços, isto é, os grandes latifundiários e grandes capitalistas ligados ao imperialismo ianque, cuja expressão é o governo de traição nacional de Vargas.

O projeto de Programa é uma bússola leninista pelo significado lógico de seu conteúdo, merece o apoio integral de todos os verdadeiros patriotas. Mas, para isto é necessário que todos os comunistas brasileiros tomem como uma tarefa sagrada o estudo sistemático pela compreensão e aplicação no seio da massa, de maneira produtiva como nos ensinava Lênin, pois "marchando cautelosamente, porém dirigindo mal, rebaixam a interpretação materialista da história com seu desconhecimento do papel ativo, dirigente e organizador que podem e devem desempenhar na história os partidos que tenham consciência das condições materiais da revolução e que se ponham à frente das classes avançadas".

E' na prática que aprendemos a conquistar as grandes massas na medida que vamos conhecendo o que significa a substituição deste regime de tubarões, pelo regime que nos ofereça terra, paz e pão.

Só não participarão desta luta libertadora, os atrasados de nossa época que não sentem o novo que se desenvolve, os que acham ser possível fazer girar para trás a roda da história, os que vendem nossa soberania, recebendo dólares em troca. a) Antonio Sobreira — Dourados, 24-2-54.

O PROGRAMA E A JORNADA DE TRABALHO

AO tomar conhecimento do Programa do Partido Comunista do Brasil achei-o muito justo principalmente no ponto 32 que diz: "aplicação efetiva da jornada de trabalho de 8 horas e da semana de 44 horas para todos os trabalhadores", isto porque só um governo democrático de libertação nacional, governo desta natureza é que poderá garantir-nos esta lei, por que com o governo atual só vemos demagogia e nada mais.

Vejamos uns casos que vêm acontecendo na CSN. Se trabalham três operários

em um setor, e um deles sai de férias, a chefia obriga aos outros dois suprirem a falta trabalhando 12 horas diárias. Se recusam a ordem são suspensos ou demitidos como ocorreu com os companheiros da seção de Subsistência. O engenheiro ordenou-lhes trabalhar doze horas durante os 15 dias em virtude da necessidade de apresentar o serviço pronto, pois ele iria sair de férias e não queria deixar o serviço acumulado para quando voltasse.

Com o excesso de horas, os operários sentaram-se um pouco para descansar quando chegou o encarregado, punindo sete operários em um dia de serviço e um outro com a pena de demissão porque procurou defender seus direitos através do sindicato. a.) Vasco, operário da C.S.N. — Volta Redonda, 2-4-54.

O COMÉRCIO EXTERIOR DO BRASIL E O P.C.B.

EM DECLARAÇÕES publicadas na seção econômica do «Diário de Notícias», o general Edmundo de Macedo Soares, referindo-se à visita que fez recentemente à República Popular da Hungria, mostrou a necessidade de um ecetamento urgente das relações comerciais do Brasil com aquele país do campo socialista.

Segundo suas declarações o desenvolvimento industrial da Hungria, país pouco maior que o dobro do Estado do Rio de Janeiro, e com uma população de mais de dez milhões de habitantes, é algo de admirável. Com suas indústrias totalmente destruídas pela última guerra, hoje encontra-se com as antigas totalmente reconstruídas e com uma infinidade de empresas industriais construídas pelo Governo Popular.

Refere-se a uma usina siderúrgica, cuja capacidade de produção é igual à de Volta Redonda, o que torna a maior a necessidade da Hungria importar matérias-primas que o Brasil possui em grande quantidade e que vende aos Estados Unidos a preços lesivos aos nossos interesses e ainda mais sem que as divisas adquiridas com esse sacrifício melhorem a nossa situação cambial.

Admirou-se e ficou profundamente impressionado com o preparo profissional dos homens com quem manteve relações, preparo adquirido depois da proclamação da República Popular.

Auto-abastecendo-se de muitos produtos e matérias-primas necessárias ao seu desenvolvimento econômico, a Hungria necessita, no entanto, de uma grande quantidade de matérias-primas e produtos agrícolas que poderão ser fornecidos pelo Brasil em troca de máquinas, trigo, centeio, cevada, frutas, etc. E isso sem que o Brasil precise desperdiçar divisas adquiridas com a miséria de nossos trabalhadores através das nossas matérias-primas e nossos produtos ao curso americano a preços

muito abaixo dos do mercado mundial.

Ainda está viva a oferta da Tcheco-Eslováquia de comprar nossos minérios de ferro por mais 6 dólares e meio a tonelada, oferta recusada pelo governo por imposição do Departamento de Estado Americano.

A título de completar a nota, diz o «Diário de Notícias» que a Inglaterra fechou negócios com a URSS no valor de mais de um bilhão de dólares. Nunca — grifa o referido jornal — nem mesmo antes da guerra, a indústria britânica assinou um contrato tão importante com a URSS.

Com a França os negócios com o Leste correspondem a 10% de suas exportações.

Isso é uma das maiores provas do desinteresse de nosso governo pelos problemas de nosso povo. Ligado intimamente aos imperialistas americanos, permite o governo de Vargas a exploração crescente de nosso povo, em lugar de olhar para os supremos interesses daqueles que um dia, por engano, o elegeram presidente da República.

A nossa economia vem sendo paulatinamente enfraquecida pelo governo, servindo aos interesses estranhos à nossa Pátria. Preparam os americanos, com a ajuda de Vargas, a colonização total do Brasil.

A solução apresentada pelo Partido Comunista do Brasil para a nossa situação econômica é a única que atende de fato aos interesses de nosso povo. E as palavras de homens de negócios das próprias classes dominantes como João Alberto e Edmundo de Macedo Soares não fazem outra coisa senão confirmar a justiça do Programa do PCB.

Prevedo a ampliação de nosso comércio exterior com todos os países do mundo, em condições de igualdade e respeito mútuo, o Programa mostram-nos a solução para dois importantes problemas brasileiros.

Mudança Tática ou Estratégica? PREZADOS CAMARADAS.

Estou com uma dúvida e pretendo obter melhor esclarecimento, pois até esta data não consegui me convencer com as opiniões dos camaradas do local.

A pergunta é esta:

O projeto de Programa do P.C.B. apresenta uma mudança total ou parcial na linha política do Partido, isto é, trata-se de uma mudança tática ou estratégica?

A meu ver, apresenta uma mudança parcial. Em primeiro lugar, porque a linha do P.C.B. divide-se em duas partes: tática e estratégia. Em nossa estratégia, até hoje, só objetivamos, em primeiro plano, um governo democrático popular. Se hoje queremos nos libertar do jugo do imperialismo é para facilitar a luta por um governo democrático popular. Por isso o Programa nos vai facilitar, nessa etapa, a derrubada do imperialismo, mas não é o nosso objetivo final. Val ajudar a criar condições para a implantação de um governo democrático popular.

Em 2.º lugar, é porque nossa tática pode modificar-se constantemente, de acordo com as condições existentes. Quando modificamos nossa tática antiga, é para criar a nova tática, criar condições para uma luta mais ampla, mais elevada, mais aberta dos operários, luta que faça o nosso povo se inteirar melhor do que significa um governo democrático popular. A meu ver, isso significa que cada tática empregada por nós deve ter em vista sempre a derrubada desse regime, e sua essência é a ajuda para a implantação do regime democrático popular.

Em 3.º lugar, acreditar que houvesse uma mudança total da linha, seria o mesmo que acreditar que já tivéssemos ganho a causa do proletariado, que já tivéssemos tomado o poder e feito a revolução, simplesmente com um governo democrático de libertação nacional.

É fato que significa um passo importante na revolução a realização desse Programa, que depende muito de cada um de nós pôr em prática imediatamente e assim criar condições para lutas mais importantes, na caminhada da tomada do poder.

Mas isso não é o nosso objetivo estratégico, pois com um governo democrático de libertação nacional ainda não estamos satisfeitos e teremos que trabalhar ainda muito mais para atingirmos um governo democrático popular e caminhar para o socialismo.

Este é o meu ponto de vista; não sei se estou certa, por isso peço aos camaradas um melhor esclarecimento, pois a maior parte dos camaradas com quem discuti têm o ponto de vista de que há uma mudança total. Por eu não concordar, resolvi obter dos camaradas melhores esclarecimentos.

Da companheira ESTHER BUENO
(Taubaté — Estado de São Paulo).

N. R. — A resposta à questão levantada pela leitora está publicada na seção «Perguntas e Respostas» desta edição.

O primeiro refere-se, como já dissemos, ao restabelecimento de relações comerciais, e por consequência, as diplomáticas e culturais, com os países do campo socialista, principalmente a União Soviética e a China.

O segundo problema brasileiro, cuja solução é dada pelo Programa é o do desenvolvimento independente da economia nacional.

As palavras do general Macedo Soares publicadas no «Diário de Notícias» mostram que só um governo popular pode em tão pouco tempo realizar tão grandiosa obra. Reconstruir o que fôra totalmente destruído pela guerra e ainda mais, construir novas indústrias, melhorar a situação da agricultura e pecuária e desenvolver a economia nacional magiar.

E então vemos que o Programa do Partido Comunista, que lança as bases para uma união de todos os brasileiros honestos e patriotas para o estabelecimento de um Governo Democrático de Libertação Nacional, é justo e apresenta de fato a solução que necessitamos.

De nada vale esconder do

povo aquilo que o povo já sabe. De nada vale negar o registro eleitoral ao único Partido que representa de fato os interesses de nosso povo. De nada vale a cortina de silêncio baixada pela imprensa americana do Brasil sobre os assuntos que nos interessam. De nada vale fazer a chantagem das bombas atômicas ou de hidrogênio.

Nada disso impedirá o desenvolvimento histórico do Brasil. Nada disso impedirá os trabalhadores e o povo de saber a verdade e lutar pelo estabelecimento de uma vida melhor para todos. Nada impedirá que os milhões de patriotas brasileiros impeçam que sua Pátria seja vendida aos nazistas americanos.

O Programa é um grito de alerta, deve ser atendido por todos. O Programa é o elo para a união de todos os patriotas que desejam ver sua pátria verdadeiramente livre, sem miséria, sem fome e sem desespero.

O Programa do Partido Comunista do Brasil é, de fato, o Programa de todo o povo brasileiro.

a) A. CARMO — D.F.

Os Direitos da Juventude no Programa do PCB

AFFONSO LIGUORI

A juventude brasileira está totalmente abandonada pelo atual governo e a sua situação vai se agravando dia a dia. É tal a percentagem de jovens em nosso país, que podemos afirmar ser o Brasil um país de jovens. Isso acontece por ser muito baixa a média de vida de nossa população aniquilada prematuramente pela fome e doenças.

No Brasil, a juventude operária constitui um quarto do proletariado, proporção que aumenta dia a dia. E o jovem operário é duplamente explorado — como trabalhador e como jovem. Não é respeitado o preceito constitucional de «para igual trabalho, igual salário». Jovens menores de 18 anos, contraem doenças que os aniquilam para o resto da vida, trabalhando em frigoríficos, minas de carvão, etc.

A juventude camponesa vive em situação pior ainda, trabalhando de sol a sol, sem a proteção de leis de nenhuma espécie. Os jovens camponeses representam 1/3 dos trabalhadores do campo. Em Minas Gerais, por exemplo, de 1.600.000 trabalhadores rurais, mais de meio milhão tem menos de 20 anos. Há entre eles um traço comum: o desamparo, a fome crônica, o esgotamento físico que leva à tuberculose e às endemias que os dizimam. Vivem abandonados ao analfabetismo, descalços e semi-nus, morando em choupanas, sem assistência médico-hospitalar e sem direitos. No Nordeste, vemos então um espetáculo impressionante — a juventude camponesa esmagada pela fome e a seca, carregando os destroços de seus lares e emigrando para o sul.

O quadro é tanto mais doloroso no domínio da cultura. De 9 milhões de brasileiros, de 7 a 14 anos, vão às escolas primárias apenas 3 milhões e meio, isto é, uma terça parte. De 5 milhões de jovens, de 15 a 20 anos, apenas pouco mais de 100 mil frequentam as escolas secundárias ou superiores.

Dia a dia aumenta o número dos estudantes secundários que são obrigados a trabalhar 8 a 10 horas por dia, para poder cobrir as despesas de seus estudos, cada vez mais dificultados com o aumento incessante e escandaloso das taxas e mensalidade escolares. Isto sem falar na deficiência do próprio ensino e nas falhas da rede escolar existente, mal aparelhada e muitíssimo aquém das necessidades atuais.

Os estudantes universitários enfrentam, entre vários outros problemas, o da falta de garantia de emprego após a formatura, concorrendo isto para a inutilização ou desvio de inúmeros técnicos e profissionais que vão lutar pelo pão em domínios diferentes de sua especialidade.

No que diz respeito ao esporte, necessidade imperiosa ao desenvolvimento de uma juventude vigorosa e sadia, a situação é verdadeiramente calamitosa. Faltam os menores requisitos para

a prática de esporte, como por exemplo, campos adequados, ginásios, pistas, etc., e ainda assistência e ajuda financeira do governo.

A causa fundamental dessa situação em que vive a juventude brasileira decorre do regime que aí está — regime de latifundiários e grandes capitalistas, ligados ao imperialismo norte-americano e representado pelo governo de Vargas.

O governo de Vargas coloca-se contra as reivindicações da juventude, não se interessa pelo seu bem-estar e sua educação. Ao contrário, o governo de Vargas, a serviço do imperialismo yanque, procura cultivar na juventude uma ideologia retrógrada e belicista, o chovinismo e o ódio racial. Apela para os recursos mais infames com o fim de desviar a juventude do caminho da luta pela libertação nacional e por suas reivindicações específicas, empregando a mais sórdida propaganda ideológica, desde o rádio e o cinema de Hollywood, até as revistas de histórias em quadrinhos e os romances que exaltam o crime, a violência, a degenerescência sexual, procurando, com isso avastar os jovens pelo caminho da corrupção, do ceticismo, da descrença e da falta de fé, na solução dos problemas do nosso povo. Procura assim criar as condições para mais facilmente explorar a juventude e levá-la às aventuras guerreiras.

Está perfeitamente claro que a juventude brasileira não poderá resolver seus problemas nos quadros do regime atual. Somente a substituição do governo de Vargas por um governo democrático de libertação nacional poderá garantir à juventude uma vida de paz, liberdade e felicidade.

Esse é o caminho, claro e seguro, apontado à juventude brasileira pelo projeto de Programa do PCB, que atende às suas reivindicações essenciais tais como: salário igual para igual trabalho, jornada de 6 horas, abolição de todas as formas de exploração semifeudais, mais escolas, livros baratos, redução das taxas escolares, garantia do emprego para os jovens diplomados nos cursos secundários técnicos e superiores, campos de esporte, assistência médico-hospitalar, etc.

Para que conquistemos, num futuro próximo, esse mundo de felicidade e bem-estar, impõe-se uma condição básica — que o projeto de Programa do P.C.B. se transfere em Programa de todo o povo e portanto também de toda a juventude. Cabe assim, à juventude uma importante contribuição nesse sentido, trabalhando com afinco, abnegação e entusiasmo, para ajudar a forjar a mais ampla frente democrática de libertação nacional, a única força capaz de dar à nossa Pátria e aos nossos jovens uma vida feliz e radiosa, como nos ensina o camarada Prestes — mestre e amigo da juventude brasileira.

Uma Questão Fundamental - Lutar Pela Derrubada do Governo de Vargas

LÚCIO SILVA

Lutar pela derrubada do governo de Vargas é a solução justa do problema fundamental da revolução — a tomada do poder.

O regime dos latifundiários e grandes capitalistas a serviço dos imperialistas yanques sobrevive ainda devido ao apoio que lhe presta o imperialismo norte-americano e à ação despótica do Estado. Diante desta situação torna-se evidente a necessidade da tomada do poder estatal pelas forças anti-imperialistas e antifiscais, condição indispensável à substituição do atual regime caduco pelo regime político democrático-popular.

Mas, atualmente, a grande questão consiste em se compreender qual a tarefa política capaz de mobilizar, organizar e unificar as grandes massas, possibilitando o surgimento da força social capaz de derrubar o atual poder das classes dominantes. O programa formula de maneira clara e precisa a solução desse problema primordial, ao apresentar a necessidade da luta pela substituição do governo de Vargas por um governo democrático de libertação nacional.

Como parte superior do Estado de latifundiários e grande capitalistas, o governo de Vargas representa a principal força que defende os interesses dos imperialistas americanos, dos latifundiários e grandes capitalistas. Sua política despótica e de tração nacional resulta do entrelaçamento do imperialismo yanque com os latifundiários e grandes capitalistas num só e único sistema de opressão e exploração que submete nosso povo a uma vida insuportável e transforma o país numa colônia dos Estados Unidos.

Diante disso, torna-se claro que o luta pela derrubada do governo de Vargas é decisiva para unificar as forças antifiscais e anti-imperialistas.

A constatação de que é preciso derrubar o governo de Vargas coloca o Partido em sua justa posição de dirigente das forças revolucionárias. A luta pela derrubada do governo de Vargas coloca o Partido no seu verdadeiro papel de vanguarda consciente da classe operária.

Lutando pela derrota do atual governo, a classe operária atrai as grandes massas populares para o movimento de libertação do Brasil do domínio imperialista yanque, contra o poder dos latifundiários e grandes capitalistas, que é representado pelo governo de Vargas. O Partido, ao mostrar a necessidade de derrubar o governo de Vargas, desperta e estimula as grandes energias do proletariado para que possa cumprir a missão de força hegemônica da revolução.

A afirmação do Programa do P. C. B. de que é indispensável derrubar o governo de Vargas, governo que representa o poder dos latifundiários e grandes capitalistas, é justa não só porque é o único meio para que o Brasil possa progredir e alcançar o futuro radioso a que tem direito. Ela é justa também porque objetiva derrotar a política de Vargas, que não só submete cada vez mais o país ao jugo norte-americano, esfomeia e oprime o povo, mas ainda bebe servilmente, no plano internacional, às ordens do Departamento de Estado nor-

te-americano na sua criminosa atividade de desencadear uma nova guerra mundial. A substituição do governo de Vargas pelo governo democrático de libertação nacional é, por conseguinte, uma tarefa que funda a luta de nosso povo com a luta dos demais povos pela paz, pela independência nacional, pela democracia e o socialismo. Isso torna mais poderoso ainda o nosso povo na luta contra seus inimigos mortais.

Todas essas circunstâncias nos mostram as imensas possibilidades para a derrubada do governo de Vargas e a implantação de um governo democrático de libertação nacional. Mas essa tarefa só poderá ser realizada conforme nos mostra o Programa, pela criação da frente democrática de libertação nacional, cujo processo de formação é o da própria luta pela derrubada do governo, é o processo do desenvolvimento da revolução antifiscal e anti-imperialista. Isso significa que a frente democrática de libertação nacional não se forma «espontaneamente», mas na medida que as massas comprovem, na prática, a justiça de nossas palavras de ordem, e compreendam, por sua própria experiência, não só que seus problemas são consequências da política do governo de Vargas, como também que há todas as possibilidades para derrubá-lo.

A cada momento torna-se mais evidente para as massas a impossibilidade desse governo assegurar bem-estar material e cultural ao nosso povo, progresso e independência ao país. Contra a política do governo de Vargas lava um descontentamento generalizado das grandes massas, cujo estado de espírito é o de luta, procurando uma saída para seus problemas. Por sua vez, a classe operária e seus aliados avançam no sentido de sua unidade e organização, enquanto o P. C. B. cresce e se reforça, eleva seu nível teórico e ideológico expresso no Programa, poderosa instrumento da luta emancipadora do povo brasileiro. Finalmente, a revolução brasileira conta com um chefe de prestigio e de autoridade como o camarada Prestes.

A luta pela derrubada do governo de Vargas pode ter pleno êxito porque se verifica numa conjuntura internacional favorável à classe operária, à democracia, ao socialismo. Isto significa que as forças que sustentam a reação em nosso país são débeis, em processo inexorável de enfraquecimento. As forças revolucionárias são mais poderosas e estão em constante crescimento e fortalecimento. Enquanto que os latifundiários e grandes capitalistas são sustentados no poder pelo gendarme da reação mundial, os imperialistas norte-americanos, alvo do ódio dos povos do mundo inteiro, as forças revolucionárias contam com a experiência e a ajuda do movimento internacional dos trabalhadores, com a força do campo da paz, da democracia e do socialismo, dirigido pela todo-poderosa União Soviética. São condições, portanto, que mostram não haver futuro para governos como o de Vargas, que se apóiam no imperialismo americano, e que são inesgotáveis e invencíveis as forças da revolução.

Hoje, como nos ensina Stálin, nossa tarefa de libertar o país e derrubar o governo reacionário e de traição nacional é mais fácil.

Eis porque pregar a revolução antifiscal e anti-imperialista, condenando ao mesmo tempo, a luta pela derrubada do governo de Vargas, é uma fraseologia revolucionária que encobre o mais torpe oportunismo, o medo da revolução.

Esta é a atitude de Fernando Lacerda, que não vê que estamos vivendo momentos nos quais meses e até dias representam anos de aprendizagem revolucionária das massas. Daí sua concepção de tática-processo e de prazos do desenvolvimento da revolução.

Fernando Lacerda, na impossibilidade de defender hoje o liquidacionismo, procura tornar o Partido inútil como força revolucionária, uma vez que põe de lado a questão do poder.

A verdade é que as causas dessa atitude de Fernando Lacerda certamente são

as mesmas que o têm levado sempre, conforme diz o camarada Grabois, nos momentos decisivos da luta revolucionária no Brasil, a tomar posições, na prática, e por estranha coincidência, contrárias aos interesses do Partido, da classe operária e do povo.

Na atual situação nacional, onde todas as forças políticas se movimentam, procurando firmar seus objetivos e caminhos, tentar substituir por uma formulação falsa, confusa e abstrata a indicação justa, concreta, clara e precisa do Programa sobre a tomada do poder, é cometer, segundo Lênin, «um pecado capital» que serve unicamente aos inimigos da revolução.

Mais do que nunca é necessário lutar pela derrubada do governo de Vargas, como nos mostra o Programa. Escamotear o problema fundamental da revolução, combater a necessidade de derrotar o governo de Vargas é renegar a revolução, é renunciar à posição de vanguarda, é trair os interesses fundamentais da classe operária e do povo.

DEVERES DO MILITANTE COMUNISTA

Diz o artigo 3 do projeto de Estatutos do Partido Comunista do Brasil: — Art. 3: O membro do Partido tem o dever de:

- Salvaguardar por todos os meios a unidade do Partido como condição principal da força e do poderio do Partido;
- Participar ativamente da vida política do Partido e trabalhar incansavelmente pelo cumprimento das decisões do Partido;
- Estreitar diariamente as relações do Partido com as massas, dedicar-se à defesa das reivindicações das massas, explicar às massas a significação da política do Partido e organizá-las para a luta a fim de realizar as tarefas estabelecidas pelo Partido;
- Trabalhar constantemente para elevar o próprio nível político e ideológico, assimilar os princípios do marxismo-leninismo;
- Observar a disciplina do Partido, igualmente obrigatória para todos os membros do Partido, independentemente de seus méritos e dos cargos que ocupam;
- Desenvolver a autocritica e a critica, apontar os defeitos do trabalho do Partido, lutar e conseguir a eliminação dos erros e debilidades;
- Ser sincero e honesto para com o Partido, não permitir que se oculte ou desvirtue a verdade;
- Dar prova de vigilância política e de firmeza diante do inimigo de classe, lembrando-se de que a fidelidade ao Partido e a vigilância dos comunistas são imprescindíveis em todos os setores e em qualquer situação.

Organizar Novas Bases Femininas...

(Conclusão da 1ª Página)

O raciocínio do camarada bem revela a justiça da crítica que o Comitê Central vem fazendo aos dirigentes do nosso Partido em relação ao trabalho feminino, cujo atraso se deve às debilidades ideológicas de todos nós. O mais é consequência: se as secretárias das bases não dirigem as reuniões, se as assistentes são fracas, etc. Mas, será por acaso muito diferente a situação das organizações de base dos bairros e das empresas?

Os círculos de estudo das bases femininas, em São Paulo, mereceram o primeiro prêmio de emulação. E o interesse pelo estudo começa a ganhar seriamente as militantes de nosso Partido.

Na organização dos círculos não fomos formais. Ali onde não se pôde organizar um círculo de estudos porque as camaradas eram novas ou analfabetas, foram organizados círculos de leitura com debates e sabatinas.

Como atuam as bases femininas? Eis uma pergunta que se pode responder da seguinte forma: da mesma maneira como vinha atuando todo o Partido. Elas são uma parte deste e refletem, também, todos os seus aspectos. Atuavam em função de campanhas, uma vez que só agora se traçou no projeto de Estatutos um programa para as bases do Partido.

Tenho a certeza de que, de agora em diante, sua produtividade, como a de todo o Partido, aumentará. Elas passarão a trabalhar em função também dos problemas locais, das reivindicações das massas femininas dos bairros ou dos locais de trabalho, a viver seus sentimentos e suas aspirações.

A criação das bases femininas não foi uma medida formal. Ela decorre da realidade da sociedade brasileira. Devemos combater a padronização, a tendência a esquecer as particularidades locais, fruto do sectarismo e do mecanicismo em que nos aprofundamos, particularmente depois do Manifesto de Agosto, quando queríamos que as mulheres desenvolvessem um nível de luta ainda não à altura de sua compreensão e das condições locais. Esta é também uma das causas essenciais por que não têm avançado as bases femininas.

Os camaradas dirigentes exigem tudo das bases femininas, menos o trabalho específico da mulher.

Para corrigir as nossas debilidades devemos destruir as bases femininas? Não! Esta é uma manifestação de liquidacionismo bastante perigosa. Seria o mesmo, guardando as devidas proporções, que resolvéssemos destruir toda organização de base que não estivesse trabalhando à altura.

O caminho é outro. Devemos fazer autocrítica de nossos erros em relação às bases femininas, organizar seu trabalho de acordo com o nosso Programa, adaptando as atividades das bases femininas de tal forma que fundam o nosso Programa com o trabalho específico da mulher, com suas reivindicações, a fim de ganharmos a grande massa feminina para o nosso Programa, para a formação da Frente Democrática de Libertação Nacional e para a revolução agrária e anti-imperialista.

Alguns pontos do nosso Programa interessam imediatamente à mulher, como aqueles que se referem ao combate à carestia da vida, a proteção à infância, a abolição de todas as desigualdades que pesam sobre a mulher, etc. Partindo desses pontos podemos debater os demais pontos do Programa, elevando, assim, a compreensão das militantes e da massa feminina, ganhando a todas para a aplicação do Programa.

Devemos ter atenção para as palavras de Togliatti: «Um velho hábito persiste, ainda, segundo o qual o trabalho das mulheres consistiria apenas em criar uma comissão feminina e depois pôr simplesmente a terminação «a» — terminação do gênero feminino — a todas as iniciativas gerais do Partido.»

«Se os sindicatos organizam uma conferência para defesa da indústria, considera-se que as mulheres podem fazer o mesmo. E assim é para tudo. Mas não é desta maneira que se pode realizar um trabalho eficaz entre as mulheres. Existem, sem dúvida problemas comuns, mas as mulheres devem ter um interesse particular pela questão de sua emancipação como mulheres que são. Pondo em relevo todos os aspectos dessa necessidade vital da emancipação da mulher encontraremos por toda parte uma simpatia sincera. As questões concretas da vida da mulher nas fábricas, nos escritórios, nas famílias, nas lojas, nas usinas e nos campos devem ser examinadas à luz da necessidade fundamental da emancipação da mulher, que é um objetivo do socialismo, a chave de todos os problemas femininos.»

O impulsor de todo o trabalho de massas femininas é o Partido, particularmente as organizações de base femininas.

Para levarmos à prática nosso Programa precisamos, também, levá-lo a todas as mulheres. Para isto é necessário reforçar as atuais bases femininas, intensificando e melhorando o estudo de nosso Programa e seguindo o exemplo do Partido Comunista Italiano, que organizou um curso específico para as mulheres.

Reforçar as bases femininas e ganhar as mulheres para o programa de nosso Partido é um dever de todo dirigente consciente.

O Controle Dos Preços e o Lucro No Regime Democrático-Popular

J. QUINTINO DE CARVALHO

Prezado redator,

Li, na VOZ OPERÁRIA, n.º 253, seção «Perguntas e Respostas», a resposta a uma pergunta sobre o controle dos preços, pelo futuro governo democrático de libertação nacional. Não estou inteiramente de acordo com o que ali se diz e, por isso, desejo alguns esclarecimentos a respeito.

Vê-se que V., camarada, trata todos os problemas da Economia Política. Sua resposta é clara, apesar de, segundo me parece, vasada em linguagem pouco compreensível aos operários (aquela plenitude seráfica com que sonha um teórico liberal...). Há, no entanto, uma formulação com a qual não concordo. É quando V. diz que o governo democrático de libertação nacional poderá, com o fim de estabelecer o controle dos preços, recorrer ao tabelamento, «no sentido de limitar os lucros máximos.»

Em primeiro lugar, tudo que é máximo, quando se limita, deixa de ser máximo, passando a ser limitado. Parece-me que isso é justo não somente no terreno da Economia Política, como em todos os terrenos.

Em segundo lugar, todos nós estamos de acordo em que o nosso povo não vai fazer a revolução para garantir lucros máximos a ninguém. Poder-se-ia dizer isso é subjetivo. Mas, não. Basta ler-se a fórmula da lei econômica funda-

mental do capitalismo temporâneo, descoberta pelo camarada Stalin, para ver-se que V. fez uma afirmação errônea. Eis aqui como Stalin formula a citada lei:

«Garantia do lucro máximo capitalista, por meio da exploração, ruína e pauperização da maioria da população de um dado país; por meio da escravização e sistemática pilhagem dos povos de outros países, particularmente dos países atrasados; e, finalmente, por meio das guerras e da militarização da economia nacional, utilizadas para garantir lucros máximos.» (PROBLEMAS, n.º 43, página 56).

Na minha opinião, diante de palavras tão claras, não se pode, nem mesmo a título de «força de expressão», falar em obtenção de lucros máximos no Brasil democrático popular. Por que os capitalistas nacionais, aos quais a revolução dará a possibilidade de desenvolvimento, não poderão obter lucros?

1) — porque os capitalistas não estarão livres para, a custa da mais desenfreada e crescente exploração da classe operária, elevar cada vez mais a taxa da mais valia, como hoje o fazem;

2) — porque os capitalistas não estarão livres para explorar desenfreadamente os camponeses, como hoje o fazem (açambarcamento dos produtos, especulação com os preços, usura, etc.);

3) — porque os capitalistas não estarão livres para impor os preços de monopólio;

4) — porque os capitalistas não contarão com o Estado para elevar continuamente os impostos, canalizando-os para seus cofres privados;

5) — porque, em resumo, não haverá capitalismo monopolista no Brasil.

Poderá V. responder-me (ouvi isso de alguns camaradas) que permanecerão, no Brasil, os imperialistas ingleses, franceses, etc., cujos capitais não serão confiscados pelo governo democrático de libertação nacional, e que eles poderiam obter lucros máximos. Mas, como? Voltemos à fórmula de Stalin. Poderão esses imperialistas ingleses, franceses, etc., «escravizar e sistematicamente pilhar» o nosso povo, com o nosso povo no poder? Está claro que não! E, final-

mente, o monopólio do açúcar, ou dos caramelos ou qualquer outro no gênero. Mas poderá obter lucros máximos o monopólio do açúcar, dos caramelos ou qualquer outro no gênero? Está claro que não!

Penso que, sob o governo democrático de libertação nacional, os capitalistas terão de contentar-se com o lucro médio, cuja taxa, aliás, no Brasil, é bastante elevada, hoje, e, de certo, continuará sendo compensadora para eles. Há, ainda, outras questões, ligadas ao fato de que, na primeira etapa da democracia popular, o capitalismo não necessitará do lucro máximo para desenvolver-se de acordo com os interesses do desenvolvimento da economia nacional. Mas isso alongaria, muito, esta carta. Penso que ficou, acima, exposto, meu desacordo com V.

a.) - J. Quintino de Carvalho

O Papel da Intelectualidade...

(Conclusão da 1ª Página)

O projeto de Programa fala de intelectuais patriotas (Capítulo IV), ou então, de intelectualidade brasileira (Capítulo I, n.º 2), que não se sujeitam ao papel de lacaios dos americanos, que defendem a cultura nacional, que são perseguidos, que sofrem privações e enfrentam os maiores obstáculos para o desenvolvimento de sua atividade criadora e profissional. Os intelectuais são uma camada, entre outras, que constitui força mobilizável para a luta libertadora. São os intelectuais patriotas que podem adquirir ideias e concepções progressistas e revolucionárias e com elas contribuir para a educação e esclarecimento das grandes massas, como disse muito bem a «Imprensa Popular», em sua resposta a C. Devesa.

Rivadavia Mendonça

O Projeto de Programa do P.C.B. e a Aliança Operário-Camponesa

(Conclusão da 4ª Página). pagar aos assalariados agrícolas. Quase todos os itens da parte agrária do Programa beneficiarão o camponês rico. A revolução eliminará o regime existente, de privilégios dos latifundiários e grandes companhias imperialistas e elevará o poder aquisitivo das massas populares, com o que se formará um mercado compensador para os produtos agrícolas. O camponês rico verá, assim, afastado o espantoso da ruína que de um momento para o outro pode abater-se sobre ele. Eis, entre outras coisas, por que o camponês rico é interessado na revolução democrático-popular. Mas, amotecer a luta de classes contra o camponês rico, não defender os interesses daqueles que são por ele explorados, sob o pretexto de que

é nosso aliado, enfraquecerá o movimento revolucionário no campo, afastando dele muitos assalariados agrícolas e camponeses pobres, dificultando a formação da aliança operário-camponesa.

E' fora de dúvida que o projeto de Programa contém todas as premissas necessárias à criação de uma poderosa aliança entre a classe operária e o camponês, aliança na qual se apolarão as forças que varrerão de nosso país o domínio imperialista norte-americano e toda a sua corte de lacaios, hoje representada pelo governo de Vargas e seus apaniguados. O primeiro passo importante a ser dado para atingir esse objetivo é levar o Programa ao conhecimento dos camponeses.

Já saiu o 4º volume de OBRAS

do J.V. STÁLIN



CONTENDO ESCRITOS

DE NOVEMBRO DE 1917 A 1920

C\$35.00

PEDIDOS À

EDITORIAL VITÓRIA LIMITADA
RUA DO CARMO, 6 - 13.º ANDAR, SALA 1306-RIO

Sobre os artigos publicados na «Tribuna do IV Congresso»

Os artigos assinados, que saem na «Tribuna do IV Congresso», representam a opinião dos seus autores que, livremente, defendem seus pontos-de-vista.

Todo membro do Partido tem o direito de colaborar na «Tribuna do IV Congresso» e pode criticar os artigos nela publicados.